

revista dos

Criadores

Órgão Oficial de Divulgação da Associação Brasileira de Criadores
Ano LXVI - n° 797 - Outubro / 96 - R\$ 5,50



**REVISTA[®]
DOS
CRIADORES**

Especial Limousin

**Jersey no Brasil:
100 anos de história**

SINTA-SE EM CASA

Após uma década de estudos, experimentos, aprimoramento genético, importações e êxito comprovado nas melhores exposições e nos Leilões Qualité, em suas versões Rústicos a Campo, Elfte e Embriões, a **Griffe Corona** iniciará também a comercialização de **reprodutores e matrizes direto na Fazenda.**

Dessa maneira, a Corona democratiza ainda mais a oferta de qualidade e quantidade, **que sempre caracterizam os produtos Corona.**

Agende sua visita durante a semana (**visitas aos sábados**)
pelo telefone (0152) 62.2122.

Sinta-se em casa.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO - FAZ. SURUBIM - MARABÁ-PA

Foto: Publique Banco de Imagens

PUBLICQUE

Patrocínio

Banho Total
CORONA

QUEBRA
JATO-OBEDIENTE
NÃO DESOBEDIÇA, ELE OBEDECE!
CORONA



expediente

revista dos

Criadores

A Revista dos Criadores,
órgão oficial de divulgação da
Associação Brasileira de Criadores,
destina-se ao fomento
e melhoria da pecuária nacional.

Supervisão:

Guilherme Monteiro Junqueira

Coordenação Geral:

Maria Lúcia de Lacerda
Ana Paula Caporrino

Redação:

Camunha Assessoria de Imprensa,
Eventos e Promoções

Jornalista Responsável:

Jenny Kanyó - Mtb 2.264

Colaboradores:

José Marcos Caporrino
Wanderley Rossi Monteiro
Milton Alcover
Luiz Blanco
Francisco Antonio Monteiro
Maria da Conceição Estellita Vianni
Eng.º Mario Romero

Projeto Gráfico e Produção:

Fracta Produções Visuais S/C Ltda.
548-6158 / 521-7873

Impressão:

Margraf

Distribuição e Depto. Comercial:

Associação Brasileira de Criadores
Av. José Cesar de Oliveira, 181
11º andar - Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo - SP
Tels.: (011) 832-5967 / 832-9369 /
831-7982 / 261-8438
Telefax: (011) 831-2731

*Os artigos assinados não refletem
necessariamente a opinião da Revista
e são de responsabilidade de seus autores.
Autorizamos a transcrição de matérias aqui
publicadas desde que sejam citados
o nome e a edição da Revista dos Criadores.*

índice

6 - Trigo

10 - Lagoa da
Serra

14 - 100 anos de Jersey



18 - Primeiro Enduro
Nacional Mangalarga
tem 108 conjuntos

19 - Eventos

20 - Limousin



34 - Carpas

36 - A sementeira
correta

38 - Nutrição mineral
de plantas forrageiras



Capa:

H. ANGELA

Grande Campeã Nacional e
Campeã Suprema de 1995
Foto: Madrigal

40 - Febre Aftosa:
situação e providências

43 - Burocracia
impede importação de
matéria-prima para
anestésico animal

44- Utilização do
"California Mastitis
Test" C.M.T. no
diagnóstico da mastite
subclínica caprina

46 - Abortos de origem
infecciosa

47 - Gerdau lança
mourão de aço

48 - "Índices ABAG /
FGV

50 - Literatura



Quadro Corporativo da Associação Brasileira de Criadores

(Ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos)

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob nº 35, com jurisdição nacional.

Diretoria

Presidente

Guilherme Monteiro Junqueira

Vice-Presidente

Rubens Malta de Souza Campos
Filho

José Cassiano Gomes dos Reis
Junior

Edgardo Hector Perez

José de Castro Rodrigues Netto
Henrique de Souza Dias

Tesoureiro:

João Luiz de Freitas Britto

Conselho Deliberativo

Presidente

Alberto Chap Chap

Vice Presidente

Pedro de Camargo Neto

Conselheiros Natos

João de Moraes Barros

José Bonifácio Coutinho
Nogueira

Joaquim Barros Alcântara Filho
Manoel Elpidio Pereira de
Queiroz Filho

Guilherme Monteiro Junqueira

Conselheiros Efetivos

Virgílio de Almeida Penna

General Diogo Branco Ribeiro

Roberto Rodrigues

João Francisco Costa Lima

Manoel José de Alcântara

Francisco José Ribeiro Junqueira

Nelson Luiz Baeta Neves

José Calil

Clarice Brito Soares

Carlos Alberto Julio Lohmann

Cícero de Toledo Piza Filho

Francisco Jacinto da Silveira

Roberto Cano de Arruda

Suplentes

Carlos Eduardo Vieira Ribeiro

Fernando Euler Bueno

Luiz Glycerio Gracie de Freitas

Arnaldo Lima

Fábio Paiva Garcia

Fernando Prado Rennó

João Antonio Camarero

Gil de Souza Ramos

Agrício Cano de Arruda

Luiz Rondon Teixeira de

Magalhães

Henrique Lamberti Junior

Conselho Fiscal

Gil de Souza Ramos

Vicente Martins Junior

Arnouldus Hermanus Josef

Wigman

Conselho Técnico Deliberativo

Presidente

José Calil

Vice Presidente

Manoel José de Alcântara

Secretário

Antonio Carlos Gouvêa

Conselheiros

Vanderlei Antunes - MAARA

Fidelis Alves Neto

Osmany Junqueira Dias

Carlos do Amaral Cintra

Fernando Prado Rennó

Fernando Gomes de Castro Junior

Guilherme Lange Goulart

Departamentos

Departamento Jurídico

Luiz Rondon Teixeira de
Magalhães

Departamento de Relações

Internacionais

Rubens Malta de Souza Campos
Filho

Edgardo Hector Perez

Departamento de Eventos

Luiz Alberto Moreira Ferreira

Departamento Técnico

Celso da Costa Carrer -
Zootecnista

Provas Zootécnicas

Cláudio Cícero Sabadini -
Zootecnista

Comissão Regional do Rio de Janeiro

Presidente

Custódio Cabral de Almeida

Vice Presidente

Elder Ribeiro Dantas Filho

Avaliação das parcerias

Parceria é uma palavra que, de uns tempos para cá, entrou em moda. Muitas das atividades desenvolvidas pelos órgãos governamentais começaram a dar sinais de que seus custos deverão ser repassados para os parceiros de seu trabalho, ou seja, para os setores produtivos da iniciativa privada. Percebemos que esta idéia começou a se generalizar na área da técnico-burocracia da administração pública.

Foi descoberto que o necessário desenvolvimento tecnológico precisa contar com a colaboração de instituições de pesquisa e universidades. E, como consequência, abriu-se a perspectiva de se criar importantes fontes de receita, seja para reforçar orçamentos institucionais, seja para complementar salários de técnicos e especialistas, fatores normalmente prejudicados nas decisões da administração pública.

Nas parcerias, o equilíbrio na distribuição dos encargos é que nos parece ser fundamental. Não há possibilidade de se estabelecer regras fixas, pois cada caso tem suas peculiaridades e o referido equilíbrio deve ser procurado e acordado entre as partes. Necessário, entretanto, é que as partes estejam abertas e predispostas à justa negociação e não, como é comum se verificar, uns querendo levar vantagens sobre outros, seja materialmente, seja de prestígio, seja para satisfazer vaidades.

Tudo isto é válido tanto para as relações entre o poder público e a livre iniciativa como entre entidades dos setores públicos e dos setores privados. Todo acordo é bom quando é bom para todos que dele participam.

Apenas para exemplificar e dar elementos concretos para se avaliar a importância das considerações feitas, vamos abordar um projeto da ABC em pleno desenvolvimento e já esbarrando em obstáculos: projeto "Teste de Progenie de Rebanhos Leiteiros".

Cuidar do melhoramento genético dos rebanhos, seja de leite ou de carne, é um trabalho que deveria ter programa definido a longo prazo, com ampla participação de todos os segmentos a ele ligados.

Nos países desenvolvidos ele tem a importância e o respaldo que merece. Aqui no Brasil, infelizmente, temos tentativas frustradas ou trabalhos isolados.

Para nós da ABC parece fundamental tentar, novamente, impulsionar a idéia, reunir os interessados, ampliar participações e criar uma estrutura que, para seu funcionamento, não dependa deste ou daquele participante isoladamente, mas, sim, da soma dos seus esforços.

Reunimos, na área de produção, as diversas associações das raças leiteiras, especialistas de universidades, institutos de pesquisa e a ASBIA. Após amplas discussões técnicas, elaboramos um plano operacional detalhado para 15 anos e simulado para 50 anos, que, ainda este ano, deverá ser discutido pelo Grupo Coordenador do Projeto para decidir sua implementação.

A quem interessa este programa? Ele interessa aos produtores de leite, pois terão orientação segura para melhorar sua produtividade e qualidade; aos criadores de matrizes e reprodutores, pois ampliarão seu mercado; às indústrias de equipamentos, defensivos e medicamentos que verão crescer a demanda de seus produtos; às indústrias de laticínios, pois poderão contar com matéria prima em quantidade e qualidade adequadas; aos Governos, municipal, estadual e federal, pois terão a garantia da disponibilidade do precioso alimento, o crescimento da receita tributária pela dinamização e valorização deste setor produtivo, a melhoria da rentabilidade do produtor com reflexos na sua condição social, o progressivo melhoramento genético dos rebanhos, que é um patrimônio nacional e a abertura de um amplo campo de pesquisas e desenvolvimento tecnológico para as universidades e institutos científicos.

Este é o exemplo de uma boa e difícil parceria. E a ABC tem a pretensão de ser o agente catalisador desse processo. É a nossa esperança.

A nossa luta é quase missionária mas temos fé. Buscamos e esperamos a participação de todos os segmentos, cada um dando sua contribuição e tendo seu benefício, na certeza de que o grande beneficiário será o BRASIL.

Guilherme Monteiro Junqueira
Presidente da Associação Brasileira de Criadores

Trigo

* Milton Alcover



Nem sempre o trigo importado é mais barato. Muitas vezes, é mais barato por causa de subsídios na origem. Agora mesmo o trigo importado está mais caro que o nacional.

Por outro lado, todas as culturas que podemos fazer, para consumo interno ou exportação, são culturas de verão, como soja, milho, arroz, algodão e outras que não impedem que o trigo seja plantado. Trigo é a única cultura de grande área que pode ser plantada a partir de março-abril, dando oportunidade a que se façam duas culturas por ano, o que não é comum em outros países. A cultura de verão não exclui a cultura do trigo. Ao contrário, as duas se complementam.

O QUE IMPORTA É NÃO IMPORTAR

Política do Trigo

Temos no Brasil duas políticas antagônicas para o trigo.

A primeira, daqueles que acham que o Brasil deve importar todo o trigo de que precisa, alegando que o trigo importado é mais barato e que podemos produzir outros itens para exportação, para os quais temos melhores condições naturais e econômicas para produzir.

A segunda, daqueles que acham que o trigo é um produto estratégico e que sua produção interna é questão de segurança nacional, representando a soberania do país, segurança alimentar e uma cultura de inverno indispensável em um sistema de produção para nossa agricultura.

A qualidade do trigo argentino

A mídia diz que o trigo argentino é bom. Não é tanto assim, e a culpa é dos brasileiros. Pesquisadores que visitaram o moinho da COTRIGUAÇU, em Palotina, na ocasião em que estava sendo descarregada uma partida de trigo argentino, ficaram desapontados: o produto estava misturado com milho, soja, aveia, sementes de invasores, e até pedras. O trigo em si era uma mistura de trigo vítreo e trigo mole, claro e escuro.

Por que o trigo argentino estava com tantas impurezas?

A lei permite até um máximo de impurezas para o trigo importado. O que deve estar acontecendo é que quando o trigo não atinge aquele máximo, são acrescentadas impurezas, até o máximo que a lei permite. Seria necessário

que a lei exigisse trigo sem impurezas e desvalorizasse o trigo com impurezas.

A qualidade do trigo nacional

De início os moageiros só se preocupavam com grãos bem formados de alto peso hectolítrico. O trigo nacional era pouco produtivo e eles importavam trigos melhoradores. A pesquisa direcionou seus trabalhos à produtividade e à resistência às moléstias, objetivos que foram alcançados. Quando o volume do trigo nacional cresceu, a qualidade passou a ser importante e a pesquisa passou a trabalhar nesse sentido. Hoje, temos em recomendação para o Paraná, 15 variedades consideradas superiores. A região onde o trigo é plantado influi na qualidade. Os trigos de qualidade superior plantados no Norte e no Oeste do Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais, podem se igualar ao melhor trigo canadense, considerado o melhor do mundo. Isso, os moageiros já estão reconhecendo.

O que resultaria termos implantada a cultura do trigo no Brasil

- Do ponto de vista agrícola é a única cultura de grande área, com ou sem irrigação, que podemos fazer a partir de março, possibilitando duas culturas econômicas por ano, o que não é comum em outros países.

- Utilizam-se para as duas culturas - a de verão e a do trigo - o mesmo solo e as mesmas máquinas no mesmo ano, remunerando melhor o agricultor e amortizando mais rapidamente o maquinário.

- Melhora-se a fertilidade do solo, que é adubado, enriquecido em matéria orgânica proveniente dos restos de cultura e tecnicamente trabalhado.

- Aumenta-se a produtividade, tanto da cultura de verão, como a do trigo.

- Reduzimos as invasoras.

- Reduz-se o custo fixo de administração e de máquinas

- Do ponto de vista econômico e social, movimentamos mais os recursos internos, produzindo riquezas e criando empregos diretos dignos.

- Criamos novos empregos indiretos, porque ao fazer duas culturas por ano, mo-

vimentamos mais máquinas que precisam ser produzidas.

- O setor de transportes será agilizado.
- A cultura do trigo reduz em 15% o custo de produção de soja, tornando-a mais competitiva no mercado externo.

- A atividade econômica aumenta num período de 06 meses.

- Silos e armazéns estarão sendo construídos e servirão a outras culturas.

- Não depender exclusivamente da importação é segurança nacional, soberania do país, segurança alimentar.

- Quando importamos, temos que pagar. O dinheiro que sai nos faz falta para investimentos, o que provoca recessão e desemprego.

- Se o dinheiro não sai, ele circula internamente, criando empregos e bem estar no país.

- A capitalização do agricultor promove investimentos no setor - pela compra de máquinas - e a melhoria da tecnologia, resultando em mais produção, menos fome, mais empregos, menos miséria e mais bem estar social.

- A poupança, que é uma forma de empréstimo ao governo, será agilizada.

- Filhos de agricultores capitalizados vão ao estudo, resultando em gente mais preparada.

- A maior produção resultará em maior recolhimento de impostos.

- Graças ao trigo, as fazendas estão se tecnificando, melhorando o planejamento, o manejo e a conservação de solos.

- Sem o trigo, o plantio direto, uma forma barata de conservação do solo, não seria viável.

- Estamos sentindo, especialmente no Paraná, a grande evolução que o trigo trouxe à nossa agricultura.

- Onde a agricultura vai bem, tudo vai bem. Há bem estar social, criação de riquezas e capitalização.

Está mais do que provado que poderemos produzir trigo no Brasil. As grandes lavouras que vemos todos os anos nas várias regiões, são uma prova.

Não é possível que em um país continuamente como o Brasil, não encontremos condições de produzir trigo economicamente.

Precisamos voltar a produzir trigo no Brasil.

JÁ SOMOS EXPORTADORES DE TRIGO

Sementes de trigo vieram para o Brasil quando Martin Afonso de Souza, em sua expedição colonizadora, em 1534, as trou-

xe de Portugal. Em 1680, éramos exportadores. Segundo nos conta a história, enviamos a Portugal, nessa época, o equivalente a 250 toneladas de grãos e 100 toneladas de rústica farinha.

Em 1805, exportávamos 13.500 toneladas de grãos. Nessa ocasião, chegamos a exportar trigo para a Argentina.

Retrocédemos. Recentemente, em 1989, quase chegamos à auto-suficiência. Novamente retrocedemos. O Brasil precisa voltar a produzir trigo.

Além da região sul, onde podemos plantar trigo sem irrigação, temos muitas regiões onde podemos produzir o trigo irrigado, entre as quais, o Vale do São Francisco.

O Brasil não explorou ainda o potencial que tem na irrigação.

Com a exploração das áreas que podem ser irrigadas, teremos altas produtividades - em torno de 7.000 kg/ha - como no Vale do Yaqui, em Sonora, no México. Teremos constância de produção sem geadas e chuvas na colheita. Estaremos livres de frustrações e desastres, pois a água vem da irrigação e não imprevisivelmente do céu.

Com isso, teremos não só o trigo que precisamos para nossa auto-suficiência, mas também excedentes para a exportação.

As áreas para trigo irrigado no Brasil estão estimadas em 1.500.000 ha.

Com uma produtividade de 7.000 kg/ha, como no México, seriam 10.500.000 toneladas. Como estamos consumindo 7.000.000 de toneladas por ano, haveria, só na área irrigada, uma sobra para a exportação.

MERCOSUL

Um jogo de duas regras

Será que o MERCOSUL está ajudando o Brasil?

Nosso peso como consumidor é pelo menos quatro vezes o da Argentina, 30 vezes o do Paraguai e 37 vezes o do Uruguai.

Mas embora o Brasil tenha um peso muito maior como consumidor, na hora das decisões, os pesos são iguais.

MERCOSUL é um jogo de duas regras: uma para o Brasil, outra para os demais países, com uma regra muito especial para a Argentina.

Para aquilo em que esse país não é competitivo com relação ao Brasil, como é o caso do açúcar, do álcool, do frango, da carne de porco e quase mais de 150 itens, a Argentina criou mecanismos de defesa, barreiras e taxas para continuar a desenvolver essas atividades até que se tornem competitivas.

No caso do Brasil, para coisas mais

importantes, como é o caso do trigo, frutas de clima temperado - maçã, pêssego, uva, pera - cebola, alho, cevada, malte, vinho, produtos lácteos e queijos, nenhum mecanismo pode ser criado para evitar o que está acontecendo, especialmente com o trigo: o desmantelamento e a destruição de nossa triticultura, implantada no país com imenso sacrifício. O tratado assinado entre os quatro países estabelece o prazo de 02 anos, para que cláusulas que estejam prejudicando algum dos países do acordo sejam denunciadas.

É preciso que nesse prazo o Brasil denuncie pelo menos as cláusulas que estejam impedindo o desenvolvimento de nossa triticultura.

Transporte

O transporte, quer interno ou externo, é um dos itens que muito pesa no custo de produção do trigo. O transporte mais caro é o do caminhão, vindo depois o ferroviário; o mais barato, é o feito por água - as hidroviárias.

É preciso que em breve o caminhão seja complemento, e o transporte de cargas seja feito por estradas de ferro e pelas hidroviárias.

Nesse sentido, estão sendo reestruturadas as ferrovias existentes, e novas estão surgindo em pontos estratégicos. O governo iniciou a privatização de suas ferrovias. A rede ferroviária federal, entre Baur e Corumbá, está em concorrência.

Temos certeza de que a hora em que as estradas de ferro forem privatizadas, teremos um transporte agilizado e barato. E isso não vai demorar muito.

As hidroviárias com o transporte pelos rios Tietê e Paraná já estão sendo viáveis pela construção das eclusas, que já estão funcionando. Falta pouco para que essas duas hidroviárias funcionem com eficiência em sua capacidade.

O Brasil é rico em águas de grandes rios e ainda não explorou com eficiência o potencial que tem.

Pela água, o transporte é mais barato. É o transporte natural para a exportação, pois os rios, partindo do interior - zonas de produção - correm para o mar, onde estão os portos. É preciso que esse potencial seja descoberto, estudado e seu uso agilizado pelos brasileiros.

Armazenamento

Os moinhos no Brasil foram sendo localizados na orla marítima para moer o trigo importado. Não têm um sistema de armazenamento, se não para o estoque estratégico de 20-30 dias. Importam pequenas

quantidades, à medida que precisam. Não compram o trigo nacional, senão quando pressionados como agora. Deixam que o governo armazene. Isso não pode continuar. Os moinhos precisam ter armazéns para estocar a produção nacional.

Pauta de Importação

Pouco se tem falado do peso do trigo em nossa pauta de importação. Ele já foi o segundo item, depois do petróleo, mas ainda continua a ter um peso elevado, que precisa ser reduzido, e que o governo teima em desconhecer.

Ano a ano, a cada dia, importamos mais trigo. O consumo vem aumentando, seja pelo aumento populacional, seja pelo aumento do consumo per capita, seja ainda porque a população rural, que consome no campo milho e mandioca, está se urbanizando, vindo para as favelas, passando a consumir trigo.

Vai chegar um dia em que o Brasil estará importando tanto trigo, que não terá com o que pagar. Um país que importa mais do que exporta, principalmente alimentos, não pode progredir.

Em lugar de assumirmos o papel que nos cabe de grande líder mundial, estaremos mendigando aos países ricos empréstimos, e chorando prazos e juros.

Trigo! Trigo! Precisamos produzir urgentemente antes que seja tarde.

COISAS ERRADAS DO PASSADO QUE NÃO PODEM VOLTAR A ACONTECER

Salvo em situações especiais como a que estamos atravessando, os moinhos não compram o trigo nacional, preferindo importar.

Por volta de 1960, o governo criou uma lei, pela qual o moinho tinha que comprar primeiro o trigo nacional, recebendo então cotas para importar o trigo na proporção do trigo nacional que havia comprado.

Quando aquela lei foi promulgada, a produção nacional do trigo nas estações subiu rapidamente, mesmo sem financiamento, aumento de produção de sementes e compra de máquinas. Era um milagre que estava acontecendo. O moinho tinha que comprovar que havia comprado o trigo do agricultor através de um recibo. O agricultor tinha que comprovar que havia produzido o trigo estipulado no recibo.

O fiscal do governo chegava na fazenda do agricultor para comprovar que ele tinha mesmo o trigo para vender. Ali estava a pilha de sacos. Contava os sacos da base

e da altura. Uma enorme pilha. Multiplicava os três lados. Calculava quantas sacas ali estavam e autorizava a venda. Mas, naquela pilha só haviam duas ou três fileiras de sacas externamente, que faziam a base e a altura, mas o centro da pilha estava vazio.

Às vezes, mesmo sem comprovação, o trigo era vendido na forma de um recibo, que era "trigo papel", sem trigo.

A nacionalização do trigo se fazia, passando trigo importado por trigo nacional. É preciso que essa lei volte agora, com mais fiscalização, para que os moinhos sejam obrigados a comprar o trigo nacional antes de importar o trigo estrangeiro.

Lei de subsídio ao calcário

Na realidade, o calcário é um insumo importante para melhorar a fertilidade do solo, não só para o trigo, mas para as culturas que se seguem.

Quando resultados de pesquisas mostraram a importância desse insumo para nossa agricultura, especialmente o trigo, o governo criou uma lei subsidiando o calcário: mediante a nota de compra, o agricultor recebia o subsídio.

Essa foi uma boa lei, porém, mal aplicada: o calcário era comprado com "nota fria" e o "agricultor" recebia o subsídio.

Se realmente o calcário que o governo subsidiou tivesse sido aplicado, daria para cobrir uma área igual a do Rio Grande do Sul com uma camada de aproximadamente 2 cm.

Se todas as minas de calcário estivessem sendo exploradas com toda a eficiência, dia e noite, ela não seriam suficientes para produzir tanto calcário.

O subsídio à farinha de trigo

O governo chegou a subsidiar a farinha de trigo em até 60%, tornando-a muito barata, fazendo concorrência aos produtos nacionais como o milho e a mandioca. A farinha de trigo se desviou do pão e foi para a indústria. Cola, em lugar de usar amido de mandioca, usava farinha de trigo. O trigo ficou tão barato, que servia até de ração animal.

O pão ficou barato e por isso não tinha valor. Encontrava-se com frequência pão jogado fora, desperdiçado. Esse subsídio chegou a esaurir o Tesouro Nacional e por certo deu margem a desvios vultuosos.

Outro erro

O governo resolveu instituir a mistura de farinha de rapa de mandioca na farinha de trigo, para reduzir a importação. Incentivou o plantio da mandioca, as fábricas de

raspa e os moinhos.

Os agricultores, como sempre fazem, responderam ao apelo do governo.

Quando tudo estava montado - grandes áreas plantadas com mandioca, fábricas de rapa e farinha funcionando, agricultores satisfeitos e ganhando dinheiro - simplesmente o governo cancelou a mistura na farinha.

Os agricultores não tinham a quem vender a mandioca. As fábricas foram à falência, trazendo grande prejuízo àqueles que haviam acreditado no governo.

Os acordos do Itamaraty

Será que essa mudança tão rápida, da mistura da farinha de rapa de mandioca na farinha de trigo, não se deve a algum acordo do Itamaraty com a Argentina?

Não sei.

O fato é que o Itamaraty tem feito acordos com outros países com relação ao trigo, que, muitas vezes, são difíceis de serem entendidos. Os acordos são feitos de forma sigilosa, para que só os diretamente interessados fiquem sabendo.

Quando Iris Rezende foi Ministro da Agricultura, encetou uma campanha a favor do trigo. A área do trigo aumentou. Quando o trigo já estava plantado, ele foi chamado ao Itamaraty. Ficou sabendo que não deveria ter feito campanha para aumento da área do trigo, porque o Itamaraty havia feito um acordo com a Argentina e o Canadá para uma grande compra de trigo, e, com a produção nacional, não haveriam armazéns suficientes para o trigo importado e o nacional.

Nada mais se podia fazer porque o trigo já estava plantado.

O Ministro ficou preocupado. As coisas evoluíram. A colheita se iniciou e o trigo que a Argentina devia entregar do Brasil pelo acordo, não veio. O Canadá teve problemas climáticos e não pode entregar sua cota. Foi então o trigo nacional, que o Itamaraty não queria que o Ministro Iris Rezende incentivasse, que salvou o Brasil da dificuldade de conseguir trigo para seu abastecimento.

Seria preciso que os acordos que o Itamaraty faz, fossem mais transparentes, mais divulgados, mais do conhecimento público, para que fossem analisados, comentados, criticados e fiscalizados.

* Engenheiro Agrônomo Milton Alcover - ex-pesquisador científico do IAC, especialista em melhoramento do trigo e, atualmente, no IAPAR



MOURÃO DE AÇO GERDAU. VOCÊ VAI FICAR CERCADO DE VANTAGENS.

TECNOLOGIA TESTADA E APROVADA NO MUNDO INTEIRO.

A Gerdau trouxe para o Brasil a mais moderna tecnologia em mourão de aço, testada e aprovada na Europa, Estados Unidos e Austrália. Ele substitui, com inúmeras vantagens, os mourões de madeira e de concreto.

Maior resistência: Fabricado em aço alto carbono resiste à ação do tempo, ao fogo e ao impacto de animais. Tem pintura eletrostática, a mesma usada na indústria automobilística, que garante uma vida útil maior.

Maior praticidade: Já vem furado, elimina a necessidade de cavar buracos no chão, pesa menos que os mourões de madeira e de concreto, é fácil de transportar e ocupa menos espaço de estocagem.

Maior versatilidade: Permite a construção de qualquer tipo de cerca, com diferentes distanciamentos entre fios, e vários tipos de arame, protegendo assim animais de todos os tamanhos.

Maior economia: Custa menos que os outros mourões e é de fácil instalação, diminuindo o tempo de montagem da cerca.

Além de todas essas vantagens o Mourão de Aço Gerdau é ecológico, facilita o aterramento de descarga elétrica e valoriza a propriedade.

Para maiores informações ligue: Tel.: (011) 874-4000 - Fax: (011) 861-0698.

MOURÃO DE AÇO GERDAU.
QUALIDADE FEITA DE AÇO.



GERDAU

LAGOA DA SERRA



A Lagoa da Serra comemora, neste segundo semestre, 25 anos de marcante atuação no mercado de inseminação artificial no Brasil.

Estas duas décadas e meia de relevantes serviços prestados à Agropecuária Brasileira colocaram a Lagoa na vanguarda comercial e tecnológica desse setor.

A empresa, com sede no município de Sertãozinho, região de Ribeirão Preto, possui hoje dezenas de escritórios e representantes por todo o país, propiciando um atendimento de primeira classe a todos os seus clientes, onde quer que eles se encontrem.

Empresa do Grupo Bamerindus desde 1991, a Lagoa da Serra, fundada em 1971 pelo agricultor e usineiro Maurício Biagi, transformou-se nestes 25 anos numa marca de reconhecida qualidade, graças a um produto final que só encontra similar nos países mais avançados do primeiro mundo.

Nestes 25 anos, a Lagoa da Serra já colocou no mercado mais de 14 milhões de doses de sêmen, contribuindo decisivamente para o avanço da nossa pecuária.

"Chegamos aos 25 anos no auge da nossa agilidade, tanto a nível comercial quanto tecnológico. Já estamos preparados para os próximos 25 anos" - afirma o Superintendente da Companhia, Sr. Carlos Romeu Tramontin.

Breve histórico - Objetivo

A Lagoa da Serra é um dos mais avançados centros de inseminação artificial da América Latina. Para garantir a maior fertilidade e qualidade, ela tem uma grande preocupação com todos os detalhes. Por

exemplo: a sua sede é composta de 44 hectares totalmente isolados por extensos canaviais e cercas teladas que impedem a entrada de animais silvestres ou domésticos em suas dependências. Mesmo a entrada de pessoas é rigorosamente controlada, através da desinfecção prévia e da utilização de roupas especiais. Todos esses cuidados se justificam: eles fazem parte de um controle sanitário essencial para garantir a qualidade do sêmen comercializado.

Atualmente, a pecuária brasileira é uma das menos produtivas do mundo. Através da inseminação artificial, a Lagoa da Serra quer contribuir para mudar esse quadro, aumentando a qualidade e a produtividade do rebanho nacional.

Programa especial de inseminação artificial PA.I.N.T.

Para realizar a inseminação, os criadores podem contar com um serviço exclusivo de atendimento. A equipe técnica da Lagoa da Serra vai até a sua fazenda e implanta, com a máxima eficiência, os trabalhos de inseminação no rebanho. Esse serviço é opcional e indicado principalmente para aqueles pecuaristas que desejam introduzir o método em seus rebanhos.

Prestação de serviços

A equipe técnica da Lagoa da Serra é também treinada para orientar o produtor na escolha do sêmen mais indicado para o seu rebanho, observando-se as condições de manejo da fazenda e os objetivos do criador. Depois de realizada a inseminação, a Lagoa da Serra continua acompanhando os resultados da prenhez

e fazendo visitas periódicas à fazenda. Tudo isso para garantir a qualidade do sêmen, orientar o produtor sobre o desenvolvimento do programa ou eliminar qualquer dúvida sobre o processo de inseminação.

Formação de mão-de-obra

A Lagoa da Serra oferece cursos de inseminação com técnicos especializados e ainda dispõe de todos os recursos e materiais necessários para a realização do processo: animais (vacas) para treinamento prático de inseminação; conjunto completo, com palhetas, bainhas, aplicadores, luvas plásticas e demais acessórios; recursos audiovisuais, slides, programas em vídeo e manuais didáticos. Os cursos têm em média a duração de 5 dias e são destinados a trabalhadores do campo, que se tornarão efetivamente inseminadores; pequenos, médios ou grandes pecuaristas; estudantes e técnicos veterinários. Os cursos de inseminação são ministrados na central da Lagoa da Serra, em Sertãozinho; nas 10 unidades de treinamento da Lagoa da Serra distribuídas em várias regiões do país em convênio com a Fundação Bamerindus e em associações e cooperativas que solicitem a realização do curso.

Exames clínicos e alimentação

Todos os reprodutores que chegam na Lagoa da Serra passam por um minucioso processo de desinfecção e exames clínicos. Durante 50 dias, eles permanecem isolados, em observação. E só vão ingressar no núcleo de colheita de sêmen depois de passarem pelos seguintes exames: clínico-geral, brucelose, tuberculose,

leptospirose, tricomose, vibriose, leucose, bacteriologia do sêmen e lavado prepucial, sangue, fezes, urina, cariotipia, tipagem sanguínea e testes andrológicos. Para manter o índice de produção, esses exames são realizados constantemente com os melhores recursos técnicos. Outro aspecto importante para o touro alcançar a máxima eficiência é a alimentação. Por isso, a Lagoa da Serra desenvolveu uma extensa pesquisa com a Escola de Agricultura Luiz de Queiroz para definir o programa alimentar ideal para os reprodutores. Sem contar que os touros passam por uma série de exercícios programados especialmente para mantê-los na melhor forma física.

Coleta de sêmen - maior índice de fertilidade nacional

A Lagoa da Serra mantém um regime permanente de coleta de sêmen de reprodutores das mais diversas e melhores raças. Duas vezes por semana, os touros são levados à área de coleta. Lá, eles passam por uma completa higienização, que inclui banho e assepsia prepucial. Logo em seguida, é feita a coleta seminal, que, após passar por um processo de envazamento, será submetida a congelamento.

O que garante o maior índice de fertilidade do sêmen da Lagoa da Serra é o mais rigoroso controle de qualidade: teste de resistência, avaliação de motilidade pós-congelamento, bacteriologia, morfologia espermática e integridade do acrossoma. Além do que, ela é uma das únicas centrais brasileiras que têm o número de espermatozoides por dose superior ao recomendado pelo Ministério da Agricultura.

Testes de progênie e integridade do Acrossoma

Os reprodutores da Lagoa da Serra são animais com genética de última geração. Muito deles passam pelo teste de progênie. Um teste, realizado junto com a EMBRAPA, determina qual a intensidade das características hereditárias que cada touro transmite aos seus filhos.

Esse teste é prática comum nos países desenvolvidos, mas no Brasil ele é aplicado exclusivamente pela Lagoa da Serra. Além do teste de progênie, a garantia da eficiência de todo sêmen coletado é dada pelo teste de integridade do acrossoma, que comprova, antecipadamente, se o espermatozoide tem condições de penetrar o óvulo e realizar com sucesso a fecundação. Entre as centrais brasileiras, os testes de integridade do acrossoma e progênie são realizados com exclusividade pela Lagoa da Serra, a marca da pecuária no país.

Tecnologia de sêmen congelado

O sêmen processado na Lagoa da Serra recebe cuidados especiais através da tecnologia de vanguarda utilizada na sua industrialização. Ele é congelado e submetido a inúmeras provas: pH, volume, concentração, turbilhonamento, vigor, motilidade, integridade do acrossoma, termoresistência, bacteriologia e exames morfológicos. Só depois dos testes é que finalmente as doses de sêmen serão comercializadas.

Exportação e importação de sêmen

Pela qualidade de sua produção, a Lagoa da Serra também vem exportando sêmen congelado para diversos países. Os reprodutores cujo sêmen é exportado são submetidos a exames de laboratório bastante sofisticados: V.I.A., Pro-Bang, Blue

Tong, I.B.R. e I.B.V., que garantem total segurança para o importador. Mas não é só isso: além de sua produção normal, a Lagoa também importa sêmen de reprodutores das mais altas linhagens que passam pelo mesmo controle de qualidade. São raças de corte e leite provenientes dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.

Pesquisas

A Lagoa da Serra está constantemente desenvolvendo pesquisas tecnológicas na área de inseminação e transferência de embriões. Quanto à inseminação, há pesquisa de sexagem dos espermatozoides, que busca determinar o sexo do futuro embrião, e estudos de melhoramento genético, que procuram desenvolver as melhores características da espécie, como por exemplo, o ganho de peso e o nível de produção leiteira. Nessas pesquisas, também são identificadas as características indesejáveis e que podem ser previamente eliminadas, garantindo a eficiência e o sucesso da inseminação.

RA.I.N.T. - Programa de Avaliação e Identificação de Novos Touros

Resultados de 1996 / Raça Nelore

O uso da inseminação artificial em larga escala deve elevar sensivelmente o ganho genético em programas de seleção de gado. Este aumento é função direta da maior pressão de seleção possível com esta técnica. Contudo, se os doadores de sêmen não forem objetivamente escolhidos e testados para características produtivas, nada garante este progresso.

Em levantamento realizado no início de 1996, constatou-se que apenas 89 dos 202 touros com sêmen disponível no



mercado da raça Nelore, tinham seu valor genético (DEP) para peso aos 550 dias determinado, em pelo menos um dos três sumários consultados (EMBRAPA - CNPGC, 1994; PMGRN-USP, 1995; CFM, 1995), sendo que 3 deles tinham DEP negativa para esta característica.

Por outro lado, sabe-se que o Brasil, com cerca de 49 milhões de matrizes em serviço, necessita de pelo menos 2,3 milhões de touros, ou seja, uma demanda anual de pelo menos 350 mil animais. Este enorme contingente está muito acima da totalidade de animais inscritos nos livros de animais puros. Assim, a maioria dos reprodutores utilizados nos rebanhos produtores de carne não é fruto de qualquer trabalho de seleção.

Foi pensando em abastecer o mercado de inseminação artificial com touros realmente provados e o de monta natural com animais superiores, que o PAINT - Programa de Avaliação e Identificação de Novos Touros.

Foi proposto pelo Núcleo de Zootecnia Ltda. à Lagoa da Serra S.A. e aos criadores do grupo fundador a partir de setembro de 1994.

Metodologia

Inicialmente foram selecionados 14 touros para integrarem a primeira bateria de doadores em teste de progênie, a maioria deles muito jovem (2 a 3 anos) e sem prova genética. Foram distribuídos 400 doses de sêmen de cada touro em teste, acompanhadas de mais 600 doses de um touro referência em 30 fazendas, localizadas em sete estados do país. Os touros em teste foram distribuídos em pelo menos 10 rebanhos e o touro referência em todos eles.

A grande maioria das matrizes incluídas no PAINT é composta por fêmeas bem caracterizadas Nelore, sem registro na ABCZ. Todos os acasalamentos realizados nas fazendas foram obrigatoriamente aleatórios, sendo que foi permitido aos criadores utilizar outros reprodutores em seus projetos.

Os criadores manejaram e devem continuar a manejar, de forma equivalente, todos os animais incluídos nas avaliações.

Os animais nascidos nas fazendas fo-

ram identificados e tiveram seus pesos anotados ao desmame. Estes dados foram digitados pelos proprietários e enviados para análises no Núcleo de Zootecnia.

As informações de desmama dos animais foram consolidadas em uma base única de dados composta por informações provenientes de 21 fazendas. Neste grande arquivo permaneceram dados de 4.713 animais que respeitavam o intervalo máximo de ± 70 dias da data padrão de desmama 205 dias.

Na avaliação genética dos animais foi utilizada a metodologia dos modelos mistos, com modelo animal incluindo como efeitos fixos: rebanho, ano, época de nascimento, sexo, nível de manejo e idade da vaca ao parto. Como efeito aleatório foi incluído apenas o animal representando o efeito genético aditivo. Nenhum pré-ajuste foi aplicado aos dados, sendo que a idade real do animal na pesagem foi utilizada como covariável.

Para expressar os valores genéticos dos animais optou-se por utilizar diferenças esperadas nas progênies (DEPs), sempre obtidas com referência à média geral da população nascida neste primeiro ano do PAINT, ou seja, base genética 1995.

Estão expostos na tabela a seguir apenas os resultados de touros da Lagoa da Serra com progênie em mais de um rebanho e acurácia mínima de 40%. A acurácia apresentada foi calculada de acordo com as normas definidas pela BIF (Beef Improvement Federation/USA), assim as acurácias passam a ser uma função dos erros padrão das DEPs, tornando-se mais seguras. A acurácia BIF é bem menor que a chamada acurácia real, utilizada em alguns sumários brasileiros; contudo sua utilização tem se tornado padrão internacional.

Comentários

Os resultados representam apenas uma pequena parte do que se pretende no PAINT. São informações de desmama obtidas de forma abrangente e aleatória, por isso mesmo muito precisas. No entanto, representam apenas uma única característica.

É importantíssimo lembrar aos usuários deste pequeno sumário que a característica de peso à desmama, embora apresentando correlação com o peso final dos

animais, não indica exatamente quem serão os melhores animais ao abate. Como se trata de uma análise preliminar, estas estimativas ainda podem ser alteradas na análise definitiva; contudo mudanças extremas não são esperadas.

Os resultados do PAINT são obtidos em fazendas de gado comum, sem utilização de qualquer artificialismo, localizadas em diversos estados do país. Isto torna-os especialmente valiosos para os produtores comerciais, que produzem carne a partir de pastagem e manejo simples.

Sumários têm o defeito de colocar sempre apenas um touro em primeiro lugar. Explique-se: o que importa é separar os melhores touros dos piores. Nunca os criadores devem escolher um único touro para inseminar suas vacas. É fundamental manter a variabilidade e evitar a consanguinidade nos rebanhos. O consumidor deve decidir-se pelos melhores dentro de suas possibilidades financeiras.

Os próximos passos do PAINT já estão sendo dados. Novas baterias de sêmen de touros foram distribuídas no ano passado e para este ano já está tudo praticamente preparado para a distribuição a partir de outubro. Todos os animais que se destacaram ao desmame foram reunidos em provas de ganho de peso a pasto. São cerca de 450 animais distribuídos em três fazendas que serão acompanhados com rigor até junho do próximo ano. Este é mais um passo em direção à certificação de animais para monta natural, projeto que já está sendo enviado ao MAARA.

Por fim, a Lagoa da Serra agradece ao pessoal da Agro HB; da Fundeio; da Campanário; da Fazenda Taboleiro; do Touro Agropecuária; do Laucídio Coelho; da AGRIBA; da Livramento; do Paulo Lemos; da Ana Luisa; do Luiz Humberto e da Elza Consoni Guimarães; do Nelson Pineda; do Octávio Junqueira; da Barra do Prata; da Barra Mansa; do Thomaz Baugartner; da Dna. Beatriz Zancaner; da SOMECO; da Mate Laranjeira; da Cornelia Gamerslag; do Jovelino Mineiro; do Marcus Wirth; do Werner Busse e do Zeuno Simões.

Foram estes os produtores que primeiro acreditaram na ideia do PAINT, e, pacientemente, trabalharam por este resultado. Que a colheita de todos seja farta!

P.A.I.N.T.

PROGRAMA DE AVALIAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE NOVOS TOUROS
RESULTADOS DE 1996/RAÇA NELORE

RGD RGN	TOURO	ANO NASC.	RGD DO PAI	PAI	DEP PD	ACC	Nº FILHOS	Nº REBANHOS
F1046	GENÉTICO	87	C0023	GIM	8,78	42,36%	36	4
C0023	GIM DE GARÇA	76	9637	DUMU	6,59	41,10%	16	3
*I1719	VIRADO DA QUINTA TE	91	B3145	IGUAÇU	6,57	55,75%	96	6
*F6211	GANHOSO	87	D5817	CANDANGO	5,93	55,85%	84	8
G2544	DAIRUT DA BONSUCESSO	89	C0023	GIM	5,87	47,69%	48	3
C6692	TANGO	81	C0095	1804	5,45	42,46%	34	3
*I3157	MAREL	92	E1406	ESCALDADO	5,30	61,19%	119	7
*EL550891	ELITE 550	91	SC0678	MARTE	4,95	56,06%	91	8
E8199	GOMBO	87	D5818	CADUCO	4,95	52,82%	68	4
E4499	FOSFATO	86	D5811	CAMAROTE	3,94	46,02%	48	5
LA2601	MALVISTO	86	C6740	LUDY	3,41	57,53%	110	4
*I7700	CANDIRU DA E. BRESSAN	93	F6600	GANGSTER	2,64	49,05%	70	5
G6162	PAPUDO	86	7955	FAULAD	1,13	44,77%	40	3
D7680	TARON	85	C6681	POLONÊS	1,08	41,42%	38	3
*G7386	NATAL DO IPÊ OURO	93	C6269	VINDOURO	0,98	56,17%	92	7
E4498	FACULTOSO	86	C0428	SANDIL	0,28	50,83%	106	4
LA2602	TIETÊ	87	7955	FAULAD	0,21	56,48%	79	4
*I3088	B3712 DO MN	91	C6692	TANGO	-0,30	61,40%	132	8
*G6002	VATICINIO DO PAREDÃO	90	D7667	CONFIANTE	-0,35	58,68%	107	10
*D7667	CONFIANTE DA ZEB. VR	84	D0072	TABADÁ	-0,42	65,79%	160	22
*I3243	POENTE DO PAREDÃO	92	C6740	LUDY	-0,52	62,34%	131	9
*H6960	BROTO DA STA. MARTA	87	H0755	BERÍLIO	-0,92	57,95%	93	7
*HA4080	ESPIRAL ESL	91	H4648	ORDENADO	-1,64	59,62%	109	8
*HA3635	GARRANO DA FELICIDADE	90	H3696	MODERNO	-2,13	55,02%	83	6
*H3266	CAJÚ DA FELICIDADE	92	H7542	RIACHO	-5,99	57,95%	100	8

Somente touros com sêmen Lagoa da Serra, filhos em mais de um rebanho e acurácia superior a 40%.

DEP-PD - Diferença Esperada na Progenie para Peso à Desmama expressa em quilos. Base genética: média da safra 1995/96.

Acurácia calculada de acordo com a BIF (Beef Improvement Federation - USA) Resp. Técnica: Núcleo de Zootecnia.

* Touros Integrantes da Bateria Original do PAINT/94.

Nº de animais com peso à desmama		fêmeas machos total	2310 2403 4713
Peso médio ajustado aos 205 dias		fêmeas machos média	153 165 159
Touros com progênie avaliada	total		73
	com sêmen na Lagoa da Serra e acurácia > 40%		25
Nº de fazendas (GO, MS, PI e SP)			21



100 ANOS DE JERSEY

Vários países do mundo, tradicionais na produção de leite, têm valorizado a gordura, proteína e sais minerais - a parte sólida do produto - premiando o leite com maior teor proteico e pagando o preço pela sua qualidade.

A nossa política leiteira, no entanto, não determina isso e o brasileiro, que até tem acesso ao leite com qualidade, por falta de hábito e até por falta de conhecimento, não o consome.

A raça Jersey, que produz um dos melhores leites do mundo, completa, este ano, no Brasil, 100 anos de história. E a ABC, através da Revista dos Criadores, parabeniza a todos os criadores, que tanto contribuíram para disseminar a raça e o seu produto, além de trabalhar para o desenvolvimento da genética do Jersey no país.

Nesta matéria, contam-se cinco histórias que provam, no "balde", o quanto valem estes animais de pequeno porte, dóceis, rústicos, com ótima conversão alimentar, originários da ilha de Jersey na Inglaterra.

Melhoramento genético

José Baia Sobrinho, empresário paulista, transforma o lazer de seus finais de semana, em trabalho prazeroso nos 70 hectares da fazenda Pôr do Sol, perto de Sorocaba, SP, junto de seu plantel Jersey - "o meu hobby". Lá, ele sai da rotina do escritório e entra em uma outra, ao ar livre, acompanhando cada detalhe do manejo - limpeza, alimentação, ordenha, vacinação e até o nascimento de um bezerro, mesmo que seja de madrugada, como foi o caso de Bay Sunset, filho de Esther e Duncan Jude, "parido" às 3 da manhã de domingo, 22 de setembro.

"O Jersey é uma raça muito bonita. Eu me identifiquei muito com o seu jeito manso", declara José Baia Sobrinho, que, com seus animais de elite, vem contribuindo para o melhoramento genético do Jersey no Brasil. Ele dá tamanha importância a essa questão, que acaba de adquirir nos Estados Unidos, a famosa Mickey - "a Luiza Brunet da raça" cujos cobaiados embriões serão transferidos

para "barrigas de aluguel" - vacas mestiças de seu plantel ou de outros plantéis brasileiros.

"Seu Baia", como é carinhosamente chamado, cria Jersey desde 1994, "grças ao meu padrinho na raça, Vitorio San Marzano, de quem comprei duas vacas numa exposição".

Com cerca de 120 Jersey (mamando e caducando) criados em regime semi-estabulado em 4 galpões, alguns piquetes e o "berçário", para onde vão os bezerras logo após seu nascimento, a Pôr do Sol tem fornecido 650 litros de leite por dia para uma empresa, que só compra leite Jersey, pagando a mais por qualidade. Ele aproveita para informar que nos Estados Unidos, se o mercado não alcança o preço do leite Jersey, o governo garante a diferença. Já no Canadá ou na França, o produtor recebe um percentual a mais por este leite bastante apreciado pela população. "Pena que o nosso consumidor detesta aquela nata que se junta no saco plástico".

"Seu Baia" acaba de montar uma fábrica de ração e, para breve, vai tornar realidade o projeto de Patrícia Ferreira da Silva, jovem zootecnista responsável pelo treinamento dos animais para a pista, que, juntamente com o zootecnista e administrador da fazenda Luis Augusto Amaral - o Pardal - vão montar um laticínio na Pôr do Sol.

"Pretendemos igualar nosso plantel, tanto na parte de tipo quanto na produção". Em 97 a fazenda Pôr do Sol será auto suficiente também na alimentação do gado. "Estaremos produzindo o pasto, a ração e o feno", garante.

O zootecnista Pardal comenta que o manejo do Jersey é diferente em cada fazenda. Depende da diretriz do proprietário. Antes de chegar na Pôr do Sol, ele achava que esta raça deveria ser criada no pasto, da forma mais rústica possível. No entanto, mudou a concepção ao ver o resultado dos Jersey em confinamento.

A Pôr do Sol está também inovando com os bezerras (cuidados pelo Seu Aloisio) que são levados para o "bezerrário"

logo depois do nascimento. "Eles são apartados da mãe para evitar o stress", esclarece Pardo. Nos primeiros dias, os bezerras recebem mamadeira com o colostro da mãe e, depois, 4 litros de leite/dia. Ficam três meses no berçário em estábulos individuais com área para tomar banho de sol. No balde, água à vontade, e no côcho, feno para que eles possam ir se acostumando a ruminar e não sejam entoados pelos bezerras maiores, quando forem colocados nos dois piquetes que rodeiam o "bezerrário", ao sol aberto, com sombriero móvel - "criatividade" local.

O envolvimento de cada elemento de sua equipe na formação do plantel da Pôr do Sol (7 ao todo) é que motivou "seu Baia" a promover, juntamente com a Associação Brasileira de Criadores de Gado Jersey no Brasil, a premiação do pessoal das fazendas: os melhores tratadores, puxadores, zootecnistas, etc., durante a ExpoMilk. "Acho que isso vai estimular o pessoal que, na realidade, faz a fazenda funcionar e que faz da raça o que ela é hoje", conclui "seu Baia".

Busca de Qualidade

Vitório Assinari Di San Marzano não apenas possui uma fazenda em Buri, SP (cidade entre Itapeva e Angatuba) onde cria Jersey desde 1983 com a importação de animais do Canadá e da Inglaterra (Puros de Origem da Nova Zelândia). Ele também possui uma fazenda no Canadá onde estão seus touros e matrizes mais importantes, que fornecem o sêmen e os embriões que garantem a excelência de seu plantel no Brasil.

Vitório San Marzano declara-se apaixonado pela raça Jersey. "É uma grande máquina de produzir leite de excelente qualidade, a um custo baixo, porque não necessita de estrutura sofisticada ou de pessoal mais qualificado. As Jersey comem qualquer capim, e qualquer criador, pequeno ou médio, pode manejar a raça com facilidade".

Para ele, um bom zootecnista numa fazenda de produção leiteira é imprescindível. "Todo problema de criação está na prevenção de doenças antes que elas se instalem nos animais e a qualidade da alimentação é a parte mais importante neste tratamento preventivo".

San Marzano é tão preocupado com o que o seu animal ingere que até a água que bebe vem de poço artesiano. Dar água

de córrego ou rio, que podem estar contaminados, nem pensar. "Temos que ter qualidade em qualquer processo evolutivo", ressalta.

Na fazenda de 512 hectares (ao todo), acaba de colher 16 mil sacos de milho e 3 mil de feijão carioca. Um pequeno plantio de alfafa e de capim, em 25 hectares, garante a base da alimentação de seu plantel - "o que dá leite é o volumoso", diz enfaticamente. "Obter o melhor, a um custo inferior e desfrutar de todas as vantagens" é o seu lema ao criar o Jersey. E ele o faz, e muito bem, com apenas 6 pessoas no manejo, incluindo aí, a Dra. Dalva, a zootecnista e o Dr. Renato, o engenheiro agrônomo.

Valorização da raça

Ao comprar sua fazenda em Pouso Alegre, em Minas Gerais, Edgardo Hector Perez não sabia bem o que fazer com ela. Os seus filhos é que, de certa forma, determinaram a escolha pelo Jersey. Eram amigos do filho de um grande criador da raça e foram motivados para tal.

Em 1982 comprou 1 touro, 3 vacas PO, 2 PC e uma mestiça de propriedade de Arnardino Costa e, em pouco tempo, convenceu-se totalmente de que Jersey era a raça que ele sempre quis criar por causa de sua economicidade, rusticidade e do seu produto - um dos melhores leites do mundo, graças ao seu teor de proteína.

Orientadas para uma linhagem americano/canadense, as 120 cabeças de suas Jersey são criadas em regime de semi-estabulamento. Ele acredita que no século XXI, se alguém quiser criar animais com competência, deverá mudar de mentalidade e cuidar da alimentação do gado. "Acabou a época do animal procurar o alimento e do criador deixar de se preocupar com as necessidades de sua "máquina".

Em suas andanças, há alguns anos, visitou a Costa Rica que, "em termos de política leiteira, é um país de Primeiro Mundo", garante. O que mais o impressionou foi a consciência leiteira do país.

"Se você não chegasse a um mínimo de 12,3% de sólido (proteína, gordura, sais minerais) no leite, era penalizado em dinheiro e deixava de entregar o seu produto por três dias. Além do mais, o leite recolhido por um asse-

diário caminhão, com computador e laboratório a bordo, era analisado na hora. O criador recebia de imediato o resultado da análise com um recibo e, no final da semana, o dinheiro estava na sua conta". Simples e eficiente.

"Na Cabaña Huentala encontrei um ponto de equilíbrio. Produzo leite (680 quilos/dia, que são totalmente vendidos para uma empresa de iogurte) e tenho animais à venda de um plantel composto por 35% de animais importados e 65% de criolos, dos quais 90 % por inseminação artificial, além de um par de touros canadenses da linhagem de Juno e de Duncan", diz Edgardo, que, hoje, gabase de ter a família totalmente envolvida na criação do Jersey.

Edgardo Hector Perez foi presidente da Associação Brasileira de Criadores de Jersey por três anos e, atualmente, é vice-presidente da Associação Brasileira de Criadores. Diz que existem 1.600 criadores associados e 80 a 85 mil animais registrados, embora o plantel de Jersey no país seja bem maior. Segundo ele, o Jersey - o fusca da raça leiteira - nos últimos leilões tem alcançado o preço médio de R\$ 2.500,00, sendo adquirido por sítios e pequenos e médios criadores.

Ele ressalta o erro de marketing da raça que "pintou" a Jersey como "vaquinha de presépio". Edgardo acha que esse é um erro estratégico que deixa de valorizar a raça como animal de produção de leite de qualidade.

Como ex-presidente da Associação, afirma, com ousadia, que o Brasil tem a





maior e melhor genética do mundo. "É de tão alto nível, que poderíamos iniciar uma política para começar a exportar este material genético para os países limítrofes", e conta que, recentemente, saíram de Quebec dois vôos charter com animais para a Colômbia. "E nós, do lado, sem poderemos exportar por causa da falta de consciência ou de ética de alguns criadores que não tem vacinado os animais contra a febre aftosa e, com isso, prejudicam a pecuária nacional como um todo".

Industrialização

Roberto Vicente Lopes é o veterinário de alguns importantes criadores de Jersey de São Paulo e, nestes últimos anos, vêm atendendo a fazenda Santo Izidoro, de propriedade de Renato Duprat.

Em 94, iniciou o projeto de melhoramento genético da raça com acasalamentos corretivos. Importou 80 animais dos Estados Unidos e do Canadá que, em 95, renderam o título de melhor expositor da Expomilk para Renato Duprat.

Em seguida, iniciou o projeto de transferência de embriões e Duprat adquiriu a famosa Duncan Belle, considerada uma genética excepcional, que continua no Canadá, sendo submetida a coleta de embriões a cada 60 dias. Roberto Lopes diz que, "temos dela, em prenhez e já nascidos, 22 filhos. Um deles, o Broadway, está fornecendo sêmen que será colocado à venda, em breve".

Com um plantel, que gira em torno de 130 animais, entre mamando e caducando, e com 80 vacas em lactação, a produção da fazenda Santo Izidoro é de 1.400 litros leite/dia, utilizados, em sua totalidade, no fabrico de seis diferentes tipos de

queijo marca Guiga - apelido de Olga Amato Duprat, esposa do criador, que administra o laticínio e que comercializa toda a produção para grandes supermercados. Em 97, para atender à grande demanda do produto Guiga, pretende-se duplicar a produção de leite/dia para 3.500 litros.

A fazenda Santo Izidoro, situada em Jundiá, SP, tem 70 alqueires. O gado durante o dia fica no sistema de "tie stall" recebendo volumoso e concentrado de acordo com a produção de cada animal (a ração de 1 quilo de concentrado, para 2,5 a 3 litros de leite produzido) e, à noite, vai para o pasto com suplementação de feno e silagem de milho, ambos produzidos na fazenda.

A escolha dos Duprat pelo Jersey é uma só: "Pelo seu leite, que tem mais proteína, mais vitamina, mais cálcio e, porque dá uma produtividade 20% maior no queijo em relação a outros tipos de leite", diz Roberto. "Como no Brasil não se recompensa o leite Jersey, quem industrializa o produto sai ganhando".

Rentabilidade

Qualquer atividade, para Manoel Diniz, deve ser rentável. E a sua criação de Jersey na Estância Vale do Paratê, em Jacareí, SP, é um exemplo cabal disto. No último mês de setembro, foi o 27º colocado entre os 30 maiores produtores de leite da região, e o único de leite Jersey, com 20.990 litros.

Em conjunto com o seu genro, Alexandre Augusto de Almeida, tem um plantel de 130 animais de linhagem canadense e americana. Suas vacas em lactação produzem uma média de 20 litros/dia - soma de duas ordenhas. O controle é diário. E, para ele, o segredo do Jersey é criar bem, a campo, sem gastos extras para compensar o preço baixo pago ao leite e para se comprovar as características rústicas do animal.

Manoel Diniz lembra que a Jersey é sinônimo de conquista do oeste, pois foi o único animal que, na colonização norte americana, conseguiu chegar, até a costa do Pacífico, vivo e andando, além de ter sido a única raça a sobreviver no inclemente clima da ilha de Jersey, na Inglaterra, de onde é originário. E ele ressalta:

"Com essa história toda não podemos permitir que esta raça regrida. É um gado forte, robusto, "videiro" porque procura seu próprio alimento, e é um excelente leiteiro, por isso o meu Jersey fica no pasto".

Como o solo da região não é muito bom e a braquiária também não está lá grandes coisas, "seu Manoel" faz, durante o inverno, uma complementação alimentar de cevada ("que sai bem barato porque é fornecida por uma fábrica de cerveja vizinha"), de caroço de algodão ou de outros alimentos sazonais. "Para as bezerras dou feno até que elas completem seis meses. Depois desse tempo, elas devem procurar sua própria comida".

Em Portugal, onde desde pequeno tirava leite, seu avô dizia que o criador de gado leiteiro deve ganhar dinheiro na cria e fazer com que a vaca dê leite, muito leite. E Manoel Diniz, ao chegar no Brasil, depois de se estabelecer com sua empresa de transportes, adquiriu a fazenda de 26 alqueires e, logo em seguida, comprou suas primeiras vacas de Clemente Gomes, irmão de Severo Gomes, cuja família chegou a ter um plantel de 2.500 Jersey.

A propósito das comemorações dos 100 anos do Jersey no Brasil, Manoel Diniz exorta os criadores a divulgar cada vez mais a raça. "Fizer lobby, porque o Jersey tem qualidade e produção". Para enaltecer a raça, ele menciona a campeã de todos os tempos - Flora - que, em uma só lactação, produziu mais de 13 mil quilos.

Perguntado se vai participar da Expomilk, diz que sim, como também participa de todos os eventos para divulgar a raça. "Embora minhas vacas não sejam preparadas para exposição, elas não fazem feio. Mostram a realidade de um criador mediano". Como exemplo, menciona a Melne, que foi campeã novilha do torneio leiteiro deste ano, em Jacareí, com 35 quilos. Hoje, com cinco meses de parida, está produzindo 24 quilos/dia. A Greta - campeã vaca adulta - parida em maio, ainda hoje está com 34 quilos/dias, controle oficial da ABC.

E ao finalizar, faz um balanço positivo de sua experiência: Tem cerca de 35 a 40 vacas produzindo leite numa faixa de 800 litros/dia (22 mil litros/mês), com um custo operacional de R\$ 6.500,00 (sem contar com os investimentos) e uma receita de R\$ 7.480,00 (sem contar com a venda de animais).

Vagão Forrageiro Nogueira

VFN-8000



O primeiro fabricado no Brasil com sistema "TANDEM" que permite fazer manobras com grande facilidade e com giro sobre roda, reduzindo enormemente o tempo de trabalho e aumentando a segurança de transporte, pois o trator recebe parte do peso do vagão no engate.

NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas

Rua XV de Novembro, 781 - Caixa Postal 7 - CEP 13970-000 - Itapira - SP

Tel.: (019) 863-3000 - Fax: (019) 863-3250 - Telex 19-2380 INOG BR



SINÔNIMO DE QUALIDADE

Primeiro Enduro Nacional Mangalarga tem 108 conjuntos



Célio Aschar,
presidente da
ABCCRM

O 1º Enduro Nacional Mangalarga, realizado em Ribeirão Preto (SP), no dia 7 de setembro, durante a 18ª. Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga, reuniu 108 conjuntos para a prova de Trail com percursos de 20 e 35 quilômetros.

"Foi um enduro excepcional", na avaliação de Célio Aschar, presidente da Associação Brasileira de Criadores da Raça Mangalarga (ABCCRM). "O número de participantes foi significativo", diz Paulo Marcelo Toscani Filho, coordenador do evento que anuncia os campeões por categoria: Dupla Graduado (35 km) - Fábio Vidiz com *Escravo* e André Vidiz com *Brutus*; Individual Graduado (35 km) - Henrique Pinto Lima Garcia com *Cambráia*; Dupla Novato (35 km) - José Osmar Denipoti com *Ciclone da Agea Fri Ribe* e José Paulo Denipoti com *Trovão Fri Ribe*; Individual Novato (35 km) - Olívia Junqueira Franco com *Limão CJ*; Individual Especial (20 km) - Itamar Honório com *Naviraí CJ*; Dupla Especial (20 km) - Leonel Mafud Neto e Mário D. Mafud; Dupla Júnior (20 km) - Luís Gustavo D. Junqueira e Renato D. Junqueira.

Segundo Aschar, a raça Mangalarga vem se destacando no enduro. Por exemplo na prova de Trail, disputada por várias raças, na Riviera

de São Lourenço (SP), no dia 7 de setembro, os cavaleiros Ricardo Lefevre e Márcio Alexandre Toscani foram campeão e vice na categoria principal. Ambos montavam os animais Mangalarga *Formoso JCO* e *Chorinho FJ*.

R\$ 5,6 mil: preço médio do Leilão

O 1º Leilão Nacional Mangalarga, realizado no dia 7 de setembro, arrecadou o total de R\$ 116.160,00 com a venda de animais e coberturas da raça Mangalarga. Foram vendidos 12 animais por R\$ 67.920,00 com preço médio de R\$ 5.660,00 e 33 coberturas de vários ganhões por R\$ 48.240,00, preço médio de R\$ 1.461,82.

Os animais foram vendidos em doze parcelas mensais. O leiloeiro foi Marcelo Pereira. A leiloeira, Boi Branco.

Raça mostra qualidade e elege os melhores da 18ª Nacional

DL Rainha da Alvorada da Raça Mangalarga (nascida em 26.09.88, filha de *Turbante J. O.* e *DL Natureza da Alvorada*), criação de Francisco Carlos de Luccia, cujo expositor foi Orpheu José da Costa e *Protegido J.O.* (filho de *Turbante J.O.* e *Anistia J.O.*, nascido em 18.10.88), criação de José Oswaldo Junqueira Agropecuária Ltda e cujo expositor foi Reginaldo Bertholino, foram os Campeões Cavalo Completo e Campeão Cavalo, respectivamente, da 18ª. Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga, encerrada no

dia 8 de setembro, no Parque Permanente de Exposições de Ribeirão Preto (SP).

A Campeã Égua foi *Bandeira DL* (nascida em 13.12.90, filha de *Turbante J.O.* e *Jacira DL*), criação de Francisco de Luccia e cujo expositor foi Orpheu José da Costa.

O Reservado Campeão Cavalo Completo foi *Bandeira DL*. O Reservado Campeão Cavalo foi *Delegado da Janga* e a Reservada Campeã Égua foi *DL Rainha da Alvorada*.

O Campeão Potro foi *Saturno OJC* e o Reservado Campeão Potro foi *Guerreiro FJF*. No campeonato Potra, *Elgin da Itacumbi* foi a Campeã e *Vida Biruta* a Reservada Campeã.

O melhor expositor e criador foi Orpheu José da Costa.

O evento contou com a participação de mais de 300 animais e foi promovido pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga (ABCCRM) em conjunto com o Núcleo Mangalarga da Alta Mogiana.

A mostra, realizada pela primeira vez em Ribeirão Preto, no período de 2 a 8 de setembro, contou com expositores de diversos estados brasileiros e foi um sucesso. Eles promoveram uma grande festa de confraternização. Os animais foram julgados pelo hipólogo português, João Filipe Giraldes de Figueiredo.



1ª palestra Mangalarga Jovem



*Célio Aschar Júnior,
diretor Mangalarga Jovem*

Palestra para Jovens

Com atenção e curiosidade, uma platéia composta por jovens aficionados do Mangalarga, assimilou novos conhecimentos sobre o cavalo criado por seus pais e avós. Foi durante a palestra de João Batista da Silva Quadros, diretor técnico e do Stud Book da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga (ABCCRM), promovida pelo Mangalarga Jovem, um departamento especial da ABCCRM, no auditório do Parque da Água Branca, em São Paulo, no final de agosto.

O seu diretor, Célio Aschar Júnior, ressaltou que a palestra foi o ponto de partida para uma série de encontros que deverão ser feitos para que o jovem participe, efetivamente, da raça. O tema abordado foi "Atualização em Exterior e Julgamento de Equinos da Raça Mangalarga" que chamou a atenção dos jovens presentes.

Endereço Eletrônico

Jovens interessados em participar do Mangalarga Jovem e que gostariam de comunicar-se com rapidez ou dar sugestões e mandar um e-mail, têm, à sua disposição, o endereço eletrônico **mangalarga jovem @ sti.com.br**. Célio Júnior, 20 anos, diretor do grupo, que cursa Administração de Empresas na Universidade Mackenzie, dá o recado e diz que está aguardando a participação de todos. ♡

7º Congresso Internacional de Santa Gertrudis: Brasil sediará o maior evento mundial da raça

Entre os dias 24 a 29 de abril de 1997, acontecerá no Parque da Água Branca (SP) o 7º Congresso Internacional da Raça Santa Gertrudis, o mais importante encontro da raça em todo o mundo. O evento deve reunir mais de 300 participantes, incluindo renomados criadores brasileiros e delegações dos Estados Unidos, Nova Zelândia, África do Sul, Argentina, Austrália, Zimbábue, México, entre outros países.

A programação do Congresso, realizado a cada três anos, inclui palestras técnicas, exposição, leilão e dias de campo, que serão realizados nas seguintes propriedades: Odan Agropecuária (Limeira-SP), Fazenda Malagueta (Mairinque-SP) e Fazenda Santa Elisa (Brotas-SP).

A expectativa dos organizadores é de que a exposição reúna cerca de 400 animais de altíssima qualidade, fruto do Programa de Melhoramento Genético imposto à raça nos últimos anos. Paulo Martins Angerami, Clayton Marques e Marcelo Mauro de Oliveira Moura serão os responsáveis pelo julgamento.

O leilão, programado para o dia 27 de abril, onde serão ofertados mais de 40 animais, representando os principais criadores do país, também merece destaque.

Os temas das palestras também já estão definidos: Bovino Composto e o Santa Gertrudis, Programa Na-

cional de Melhoramento Genético da Raça Santa Gertrudis, Manejo Reprodutivo de Novilhas e a Raça Santa Gertrudis no Brasil.

O Brasil irá sediar o Congresso Internacional de Santa Gertrudis pela segunda vez. No ano de 1994, o evento foi realizado nos Estados Unidos. Segundo Maria Inês A. Q. Oliveira, presidente do 7º Congresso Internacional, o plantel brasileiro de Santa Gertrudis é hoje um dos melhores do mundo. A escolha do país para sediar o evento confirma que todo o esforço no melhoramento genético da raça está sendo recompensado. "Após muito empenho de todos os criadores e rigor na seleção, chegamos a um novo animal, que manteve todas as características positivas como ganho de peso, rusticidade e fertilidade. A realização deste evento em nosso país é o reconhecimento deste trabalho. Representantes do mundo inteiro vêm conferir de perto a qualidade do nosso plantel", destaca Maria Inês.

As inscrições para participar do evento já podem ser efetuadas junto à ABSG (Associação Brasileira de Santa Gertrudis). "Desde já o criador pode iniciar o trabalho de escolha e preparo dos animais. Os bezerros nascidos até 24 de agosto de 1996 poderão participar na 1ª Categoria Bezerro (a). Portanto é importante analisar até mesmo os recém-nascidos", explica Maria Inês. ♡



O SUCESSO DA RAÇA LIMOUSIN

Os criadores de Limousin são todos, sem exceção, profissionais de criação de gado com experiência em outras raças que optaram pelo Limousin, conscientes de suas qualidades especiais para o corte e certos de estarem investindo em uma pecuária de resultados.

Embora a afirmação seja de Arnaldo Mendes de Oliveira Filho, que no momento está à testa da Associação Brasileira de Criadores de Limousin, poderia ser, na realidade, de qualquer um dos 400 pecuaristas que se dedicam, no Brasil, à esta raça europeia.

O entusiasmo como falam das inegáveis vantagens do Limousin - melhor resultado em cruzamento industrial, prova de ganho de peso, precocidade, fertilidade, longevidade, e, principalmente, rendimento de carcaça e a qualidade "light" de sua carne -, o modo como administram empresarialmente suas propriedades rurais e, principalmente, o orgulho que transmitem por estarem criando um "Limousin Brasileiro" a partir de acasalamentos engendrados nos computadores ou nos picadeiros dos leilões com o objetivo de estabelecer a morfologia ideal para o nosso país tropical ou para permitir o cruzamento com o Nelore, fazem, destes criadores, um "breed apart".
Uma raça à parte.





Para Arnaldo Mendes de Oliveira Filho, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Limousin, a melhor coisa que pôde acontecer no país do Zebu foi a introdução do Limousin. "As características das duas raças, combinadas, ressaltam o que há de melhor em cada uma delas" diz ele, que aposta no aumento de criadores brasileiros investindo nesse cruzamento.

Na visão de Arnaldo Mendes esta é uma parceira perfeita. Primeiramente porque o Zebu possibilita cruzamentos em grande número. Para mil touros Limousin - a raça que tem condição de cobrir 50 vacas, isso se o criador trabalhar dentro das normas estabelecidas pela Associação - são necessárias 50 mil matrizes. Estima-se que o rebanho de vacas azebuadas no país é de aproximadamente 80 milhões de cabeças.

Em segundo lugar, o Limousin traz para o Zebu o que lhe faltava: mais carne, carne mais macia e menos gordura. "Esta é uma carne 'light', com baixas taxas de colesterol e muito saborosa", garante ele. "Outra grande vantagem desse cruzamento que ainda não chegou até o consumidor. E nos tempos atuais, quando se procura uma alimentação mais saudável, o produto do 1/2 sangue Nelore/Limousin é um achado", acrescenta.

Arnaldo Mendes menciona que, embora tenhamos registros da entrada do Limousin no país desde o século pas-

sado, a grande arrancada da raça se deu na década de 70, quando criadores dos estados de São Paulo e do Paraná iniciaram experiências de cruzamentos inter-raças e observaram os surpreendentes resultados no acasalamento do Limousin com as raças zebuínas.

É interessante que a história gira sempre em torno dos mesmos nomes. "São criadores que não mediram esforços e investimentos para trazer ao Brasil o que há de melhor da França - país originário do Limousin -, do Canadá ou dos Estados Unidos. Por exemplo, o touro Iholdy, o top da França, está na Fazenda do Amilcar Yamin; na 3M está o touro Circle Wizard, nacional de linhagem americana e na Fazenda Santa Ondina está o touro Ambush, o top do Canadá", informa Arnaldo Mendes, que não poderia deixar de mencionar Koyle Bociphus - um All Canadian - de propriedade da Associl Agropecuária Ltda. Ele acrescenta ainda, que se não fosse a necessidade de atender um número cada vez maior de pecuaristas brasileiros interessados na raça, a importação do material genético não seria mais necessária. "Temos todas



Amilcar Yamin, Arnaldo Mendes, Luiz Meneghel e John Edwards, alguns empresários de sucesso do Brasil e dos EUA

as condições de oferecer o produto das melhores linhagens do mundo", garante.

"Há 7 anos a ABCL vem dando o impulso necessário para que o Limousin se estabeleça, em definitivo, no meio dos 'empresários da pecuária' - criadores que entram na raça Limousin por escolha própria, sabendo que no início o custo-benefício estará quase perto do zero, mas que, a médio prazo, têm todas as condições de trazer grandes benefícios para a pecuária nacional e para o consumidor - o público-alvo de todo esse investimento", registra Arnaldo Mendes, que enfatiza, categoricamente, que a cruz do Nelore com o Limousin é o ovo de Colombo da pecuária nacional e que pode ser "a redenção do país" em termos de proteína animal.



ABCL UMA ASSOCIAÇÃO DE PESO

Com cerca de 400 associados, entre pessoas físicas e jurídicas, a Associação Brasileira de Criadores de Limousin, com sede em Londrina, Paraná, fundada em 1989 por 40 criadores, vem fomentando a raça no país e estabelecendo seus parâmetros. A partir de 92 iniciou a registrar os animais e, hoje, em seu Banco de Dados estão cadastrados 6.382 animais puros de origem, 856 animais puros por cruz e 6.396 animais mestiços. Porém, em reprodução, conta com aproximadamente 2.300 fêmeas PO e 450 fêmeas PC.

Segundo Pedro Nunes, diretor executivo da Associação, o crescimento da raça Limousin no país pode ser demonstrado de várias formas: o número de adeptos sempre crescente ("acreditamos que até 97 seremos em torno de 600 associados"); a criação de novos Núcleos Regionais de Criadores ("hoje são ao todo 5 Regionais e nós podemos destacar a regional de Goiás, que acaba de ser oficializada pela Associação") e a procura constante de reprodutores nas exposições ou de jarretes que são adquiridos ainda na barriga da mãe.

Mas os fatores que Pedro Nunes ressalta são basicamente dois: "O Limousin é a raça com a maior quantidade de material genético importado no país. Em média são importados anualmente 55 mil doses de sêmen, 700

embriões e 500 animais puros. Além do mais, no Brasil, do 10º lugar na venda de sêmen dentre todas as raças (leiteiras e de corte) na última década, pulamos para o 4º lugar no ano de 94 e 95 sendo, o Limousin, o primeiro entre as raças europeias especializadas em produção de carne".

Ele acha que este aumento de venda (quase um boom) é por causa da atuação individual dos criadores em suas fazendas e nas exposições em todo o país e o da Associação como um todo, que foi criada exatamente para fomentar, melhorar e divulgar a raça Limousin. Ele menciona ainda, que todo o trabalho de marketing da Associação está direcionado para o cruzamento industrial, seja com o anelorado, seja com qualquer outra raça, mas sempre voltado para a produção da carne, e "a nossa única tarefa é mostrar as vantagens do Limousin", brinca ele, sem deixar de mencionar a dedicação de cada um dos 400 criadores que vêem a raça como investimento, melhorando a qualidade da carne no prato do consumidor. ♣



Pedro Nunes, diretor executivo da ABCL.

COMO FAZER UMA BOA ESCOLHA

apresentado por JEAN-LUC CRESS durante a 3ª Expo Nacional Limousin

1. Fineza de osso que se observa pela canela e jarrete do animal. Este é um fundamento de grande importância que tanto determina um rendimento maior de carcaça como também indica, nas fêmeas, facilidade de parto.

2. Aprumo do animal, que indica a capacidade de caminhar e é um fator determinante de longevidade da raça, auxilia na procura de alimento e na monta do macho.

3. Qualidade dorsal ou uma extensa linha dorso lombar, que indica o tamanho das carnes de maior valor e mais procuradas pelo consumidor. Além do mais, uma linha dorso lombar extensa indica maior longevidade e, nas fêmeas, parição mais fácil.

4. Equilíbrio do tronco. O equilíbrio do Limousin deve estar 55% na parte posterior e 45 % na parte anterior.

5. Profundidade abdominal e torácica. O que se busca é um arqueamento maior de costelas (longas) para que o animal possa minimizar o calor, e a profundidade abdominal para garantir uma boa alimentação e uma boa digestão.

6. Largura da região da garupa. Os cortes da carcaça de maior valor e as mais saborosas estão nessa região.

7. Amplitude dos ossos da parte traseira. Novamente, se o animal tem essa parte bem pronunciada terá mais carne e, nas fêmeas, facilidade de parto.

8. Posterior largo. Pelo contrário, se for estreito, a tendência do animal será de acumular gordura.

9. Distribuição harmoniosa da carne, garantindo que o animal seja uma excelente usina de carne. Na fêmea, a harmonia confere a ela uma feminilidade importante; garante que ela vai parir bem, produzir bem e cuidar bem de seu bezerro.

Outro detalhe importante: o criador deve procurar uma vaca Limousin que tenha um úbere mais delicado, com tetos curtos, para se evitar acidentes em pastagens mais altas e para permitir que o bezerro se alimente bem. ♣

NA ERA DA INFORMÁTICA

A Associação Brasileira de Criadores de Limousin lançou, durante a 33ª Exposição Agropecuária de Goiânia, um software que faz o controle individual dos animais com a árvore genealógica até a 2ª geração e capaz de emitir as Guias de Registro que o criador encaminha para o Banco de Dados da Associação.

Em parceria com a ABCL, a empresa Megasoftware de Londrina, que assessoria a Associação, criou este software para ambiente Windows, de manejo muito simples, para uso dos funcionários da fazenda e maior controle do criador.

O suporte tão necessário para o usuário do programa será feito tanto pelos técnicos da empresa de informática como também pelos técnicos da Associação que, periodicamente, visitam as fazendas para fazer o acompanhamento do desenvolvimento da raça no país. ♣



LIMA VISÃO DE SUCESSO

Luiz Meneghel Neto é, sem dúvida, um empresário a quem se deve prestar atenção pelo seu pioneirismo e pela sua clara e objetiva determinação em disseminar o Limousin como a raça européia que pode "injetar" qualidade ao plantel de corte do país, trazendo para as mesas do consumidor uma carne "light" sem quase colesterol.

Meneghel foi pioneiro na introdução da raça no país como também no desenvolvimento genético do Limousin visando sua adaptação às condições brasileiras. Além do mais, foi um dos mentores da criação da Associação Brasileira dos Criadores de Limousin aglutinando os poucos pecuaristas do Limousin à época - cerca de 40.

E hoje, dando uma nova mostra de antevisão, juntamente com outros pioneiros que, diga-se de passagem, estão todos na diretoria da Associação revezando-se nas diversas funções, vem divulgando a funcionalidade da raça junto aos pecuaristas nacionais e, preparando-se para alcançar uma nova meta: atingir o consumidor para que ele experimente o produto Limousin-Nelore - uma carne diferenciada - sinta a sua maciez, o seu sabor, e seja o agente da transformação da pecuária nacional exigindo a qualidade que só este cruzamento pode oferecer.

Tradição em Limousin

Sua trajetória empresarial data de 1969 quando a família Meneghel adquiriu os 2.160 hectares da Estância 3M, localizada em Marilândia do Sul, 65 quilômetros ao Sul de Londrina, para dedicar-se exclusivamente à pecuária. Em 1974, com a necessidade de reformar as pastagens, o foco de produção da Estância desdobrou-se para a agricultura. Hoje, 900 hectares são destinados para o cultivo de milho e soja. Metade para cada. Enquanto a soja é totalmente comercializada, 35% da produção do milho é transformada em silagem para o gado da Estância.

O início da criação de Limousin deu-se em 1975, época em que Meneghel começou seus experimentos em confina-

mento de Nelore, para aumentar sua lucratividade na entressafra. Apesar dos esforços, o tempo para ganho de peso e abate desta raça zebuína girava em torno de 4 anos. "Estávamos buscando precocidade, por isso procurei junto à American British Semen (ABS), o sêmen de várias raças européias para teste de heterose" diz Meneghel que, depois de uma série de experiências, concluiu ser a raça Limousin a que melhor correspondia às suas expectativas.

Na época comprou do Governo do Rio Grande do Norte, os primeiros exemplares puros - 12 fêmeas e 5 machos, para início de seu plantel. Cruzado com o Nelore, o Limousin baixou o tempo de abate para a metade.

Hoje, 21 anos depois, os produtos da 3M são destaques em todas as Exposições, como os touros 3M Circle Wizard, 3M Elan Te, 3M Dijon e Dourater - famosos produtores de sêmen, que, segundo os relatórios anuais da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (ASBIA), há 4 anos vem batendo o recorde de vendas. No relatório de 95, o touro Dourater manteve a tradição. Ficou em 4º lugar no computo geral dos 50 melhores touros nacionais de todas as raças e em 10º lugar entre os touros Limousin, com 25.414 doses vendidas.

Já na coleta de embriões, o recorde da Estância 3M é de 42 embriões de uma fêmea, 38 dos quais viáveis. Outro exem-

plo de sucesso é a prenhez das fêmeas que hoje se dá aos 16 / 18 meses.

Mas ele pretende bater os 15 meses



Luiz Meneghel Neto

alcançados pelos criadores norte-americanos, reduzindo o tempo de prenhez para 13 meses. "Isso, graças à excelente precocidade que a raça Limousin oferece e aos cuidados com o manejo que nós temos na 3M", ressaltava Meneghel que está determinado em criar um conceito de raça baseado em precocidade, fertilidade, conformação morfológica e performance do animal, "um padrão de raça para as condições brasileiras", conclui ele.

Teste de Progenie

Pela primeira vez na história de criação do Limousin no país, um animal conseguiu alcançar a soma recorde de R\$ 100.800,00. 3M Circle Wizard, que hoje se encontra na Central de Coleta da Yakult, foi adquirido durante o último leilão da 3M realizado em agosto, na cidade de Londrina, PR, por um sindicato formado por 18 criadores.

Circle Wizard, que deve produzir cerca de 30 mil doses de sêmen ao ano, a serem comercializadas ao preço de R\$ 6,00 cada, fará teste de progenie no programa da Yakult para avaliação de sua performance quando em cruzamento com fêmeas Nelore. A Yakult selecionará os rebanhos, fornecerá o sêmen, bem como orientará a realização do programa de inseminação artificial. O detalhe diferenciado desse projeto é que só serão escolhidas propriedades da região Centro-Oeste. ♡





Wilson Brochmann

REDENÇÃO DA PECUÁRIA NACIONAL

O cabeça da Agropecuária Maragogipe, que há 16 anos vem criando Limousin no Brasil, é Wilson Brochmann. No município de Camaquã (130 km de Porto Alegre, RS), além de um time de receptoras (cerca de 250 cabeças), tem um plantel puro de 300 animais que são os fornecedores do material genético que, nas nove fazendas do Grupo Brochmann Polis no Mato Grosso do Sul, inseminam 12 mil matrizes dentro do Programa de Cruzamento Industrial.

Wilson, que se gaba, e com muito orgulho diga-se de passagem, de ter sido o primeiro a introduzir o Limousin no Mato Grosso do Sul - em 1980 -, conta como começou a sua paixão pela raça: "Em 1973, compramos a primeira fazenda - a de Itaquiraí, MS. Em 1976, iniciei as experiências com seis raças: Simmental, Charolês, Aberdeen, Hereford, Chianina e Limousin. Quatro anos depois, fiz minha escolha definitiva: o Limousin, sem sombra de dúvida a melhor raça para cruzar com o Zebu".

Nos 800 hectares da fazenda em Camaquã, tanto o time das receptoras quanto o plantel dos Limousin ficam a campo, em piquetes de 6 a 8 hectares divididos por cercas elétricas, pastando gramíneas nativas do gênero *Paspalum* melhoradas com a introdução de leguminosas. Somente os puros recebem uma suplementação alimentar, duas vezes ao dia composta de silagem de milho (4%) e concentrado a 1% do peso corporal de cada animal.

Os touros mais famosos Maragogipe Double, Maragogipe Dandon e Maragogipe Bill, encontram-se em duas centrais brasileiras e o sêmen recolhido (cerca de 1.400 a 1.500 doses/ mês por

touro) é de uso próprio. "O excedente, que representa uma média de 16 a 17 mil doses/ano, é colocado no mercado" informa Wilson Brochmann que fez um contrato assinado para que as duas centrais vendam a dose do sêmen Maragogipe pelo preço mais baixo do mercado - política da empresa que, há dois anos, está fazendo uma campanha para divulgar o Limousin no sul do país.

"Como o gaúcho tem que ver para crer, em 94 enviamos 30 doses de sêmen do melhor reprodutor da Maragogipe para 250 pecuaristas tradicionais e formadores de opinião. Em 95, mais 100 receberam 30 doses de cortesia da Maragogipe. Agora é só esperar o retorno e o efeito multiplicador desta iniciativa", diz Brochmann, que ressalta a necessidade de se bater contra a aftosa para podermos brigar por uma Cota Hilton mais significativa.

"Como esta é uma questão que envolve aspectos políticos de relações internacionais, enquanto isso não se oficializa, poderíamos pegar o repasse de países que não estão atingindo o seu percentual estipulado pela Cota Hilton. O pecuarista brasileiro tem condição de produzir a melhor carne que existe no mundo a um preço mais acessível. Temos condições, inclusive, de customizar a carne para mercados especiais como o do oriente". Para que isso se torne realidade, Brochmann dá a seguinte receita: trabalhar raças com acabamento precoce para atender o mercado lá fora e para ter o incentivo do governo.

O Grupo Brochmann Polis, que além do segmento agropecuário, compreende ainda construção civil, indústria madeireira, moinhos de trigo e pastificio, ("você conhece a marca Pavioli?"), possui nove fazendas que estão localizadas nos muni-

cípios de Iguatemi, Naviraí, Santa Rita do Pardo e Itaquiraí, no Mato Grosso do Sul e a de Camaquã, RS. Totalmente informatizadas, com administração centralizada em dois escritórios (um em Porto Alegre e outro em Curitiba), Santa Catarina, auto-suficientes de material genético produzido em Camaquã por uma equipe de apenas 12 funcionários.

A grande novidade da Agropecuária Maragogipe é o Programa de Tri-Cross, que a partir desse mês (outubro) está sendo iniciado em suas fazendas com o choque entre as raças Nelore/ Limousin/ Brahman. Brochmann, que só aconselha o Tri-Cross para pecuaristas mais estruturados porque exige dois tipos de manejo diferentes, explica o porque desta experiência. Em maio esteve com mais dois criadores brasileiros no Congresso Mundial de Limousin realizado em Harare, Zimbábue, na África. E, enquanto os participantes ficam em "meetings" variados, ele se aventurou pelo interior do país para visitar algumas fazendas.

"Em uma delas vi um gado zebuino sem raça definida, bem ruinzinho mas que tinha sido inseminado e/ou entourado por um Limousin" conta Brochmann. "As fêmeas F1 desse cruzamento, um pouco melhores do que as mães, mas ainda bem longe do bovino de corte ideal, foram inseminadas com sêmen de Brahman e a bezerrada, que tinha acabado de nascer, me deixou muito impressionado. O meu raciocínio foi então, se nós no Brasil temos o melhor Nelore do mundo, temos também o Limousin que podemos escolher de acordo com as características desejadas e temos condição de adquirir, por exemplo da V8 norte-americana como é o caso da Maragogipe, o melhor sêmen de Brahman,



porque não experimentar esse Tri-Cross para ver no que é que dá?"

E continua com seu raciocínio. "No Brasil, a raça Zebu escolhida normalmente para o Tri-Cross tem sido o Guzerá. Mas nós não estamos tão evoluídos nesta raça zebuína como os norte-americanos na raça Brahman". Por isso, em fevereiro de 97, Brochmann já programou sua ida para a feira de Denver, onde pretende escolher, a vivo e a cores, o touro Brahman que fornecerá o sêmen para a segunda rodada da experiência de cruzamento Tri-Cross da Maragogipe Agropecuária.

Wilson Brochmann ressalta que não há, no mundo, nenhuma super raça em termos de gado de corte. Mas afiança que o Limousin tem um potencial fantástico, com todas as condições para melhorar o nível da pecuária nacional e aproveitar para apresentar os resultados do abate de um novilho $\frac{3}{4}$ sangue Limousin/Nelore, oficializados pela Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, "para ajudar os indecisos sobre que raça escolher", conclui ele. ♥



ABATE TÉCNICO

Novilho $\frac{3}{4}$ Sangue Limousin/Nelore	
Proprietário	- Agrop. Maragogipe Ltda
Idade	- 21 meses
Data	- 22 de agosto de 1996
Local	- Frigorífico Rost
Peso Vivo	- 580 kg
Peso Carcassa	- 379,50 kg (25,3 arrobas)
Rendimento	- 65,43 % *
COURO	
Peso Vivo	- 37,80 kg = 6,51%
PROPORÇÕES DA CARCASSA	
Carne	- 322,87 kg = 85,07 % **
Ossos	- 41,20 kg = 10,85 % ***
Sebo	- 8,91 kg = 2,35 %
Aparus	- 6,52 kg = 1,72 %
PEÇAS PRINCIPAIS	
File-Mignon	- 6,20 kg
Contra-File	- 13,50 kg
Picanha	- 7,10 kg

Médias do Rebanho Nacional

* 52,54% de Rendimento de Carcassa

** 77 a 78 % de Carne na Carcassa

*** 17 a 18 % de Osso na Carcassa

EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA

"Em tudo o que faço ponho muita razão acompanhada de um pouco de coração", diz Amílcar Farid Yamin, o empresário que, há 20 anos, iniciou a pesquisa pecuária de corte (anteriormente ele criou gado leiteiro. "O leite era subproduto e o material genético o produto. Quando isso inverteu, eu sai"), buscando sempre raças rústicas, férteis,

produtivas que pudessem trazer mais carne em menor tempo e a um custo ainda menor.

"Trabalhei com todas as raças de excelência. Estava investindo pesado na Amazônia e não podia transformar este investimento em uma aventura. E o Limousin mostrou ser efetivamente uma raça completa, não apenas na Europa mas também no Brasil, como parceiro do Nelore transformando-se na grande solução para a pecuária nacional".

Para Amílcar Yamin, a rusticidade do Zebu mesclada com a precocidade do Limousin, que faz com que a pecuária para o abate seja reduzida em metade do tempo, é talvez o fator mais importante nessa atividade. Preocupado com a questão de custo-benefício em tudo que faz ("hoje tudo é em escala: alta produtividade e pequeno lucro"), ele ressalta que "a pecuária deixou de ser um jogo financeiro para ser uma atividade econômico-produtiva".

Dentro de sua visão empresarial "quase paixão" por resultados ("Erra-se menos"), ele vem desenvolvendo projetos científicos diversos na sua fazenda Surubim, em Marabá, PA, aonde cuida da "arquitetura genética da raça" voltada para a "criação do Limousin brasileiro". Outro projeto, que é desenvolvido nessa fazenda-modelo, é o projeto Corona de Transferência de Embriões. Numa ousadia sem par, a partir desse mês e até o final do ano, 2.500 vacas mestiças receberão embriões de Limousin.

Nos últimos três anos o Projeto Corona implantou mais de 4 mil embriões, um recorde sem precedentes. "Todo nosso gado é nascido de embrião, na Amazônia, com chuva, umidade, calor inclemente e só vem para São Paulo no desmatte para ser vendido. Com isso, estamos demonstrando que o Limousin é a raça que cresce mercê de suas características", diz ele.

Produtividade é a palavra de ordem na Surubim, onde o gado sai pronto para o abate em apenas dois anos. Para 97, estima-se uma produção de 6 mil cabeças de cruzamento industrial para o abate.

Segundo Amílcar Yamin, na Amazônia os bezerros de $\frac{1}{2}$ sangue Limousin-Zebu alcançam maturidade bem antes das demais raças. No momento está com 20 mil cabeças. "Este é um investimento de retorno garantido," afirma ele. E na palavra de quem sabe, "o mercado está pronto para absorver toda a oferta de Limousin que se puder produzir afinal, esta é uma raça que só traz vantagens para o criador". ♥

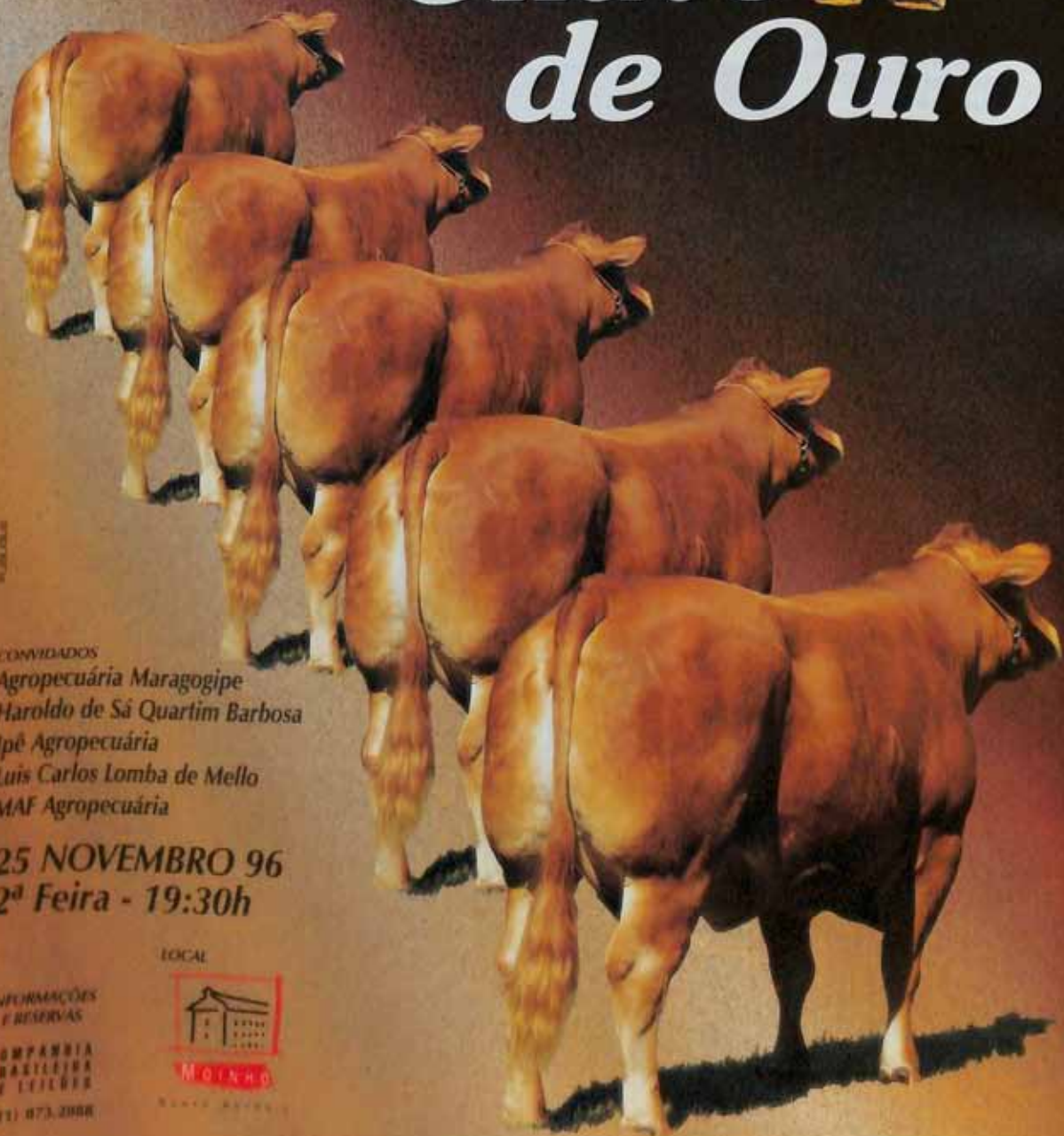


Marcelo Vezoso da Araucária e Amílcar Yamin



LEILÃO LIMOUSIN

Chave de Ouro



CONVIDADOS
Agropecuária Maragogipe
Haroldo de Sá Quartim Barbosa
Ipê Agropecuária
Luis Carlos Lomba de Mello
MAF Agropecuária

25 NOVEMBRO 96
2ª Feira - 19:30h

LOCAL



RUA DO AÇÚCAR

INFORMAÇÕES
E RESERVAS

COMPANHIA
BRASILEIRA
DE LEILÕES

(011) 073.2000

FECHE O ANO COM CHAVE DE OURO.

30 FÊMEAS PO E POI - SÓ ESTRELAS.

15 RECEPTORAS PRENHAS - SÓ DE VACAS CAMPEÃS.

ABRA AS PORTAS DA SUA FAZENDA E ENGORDE O \$EU CAIXA.

É A ÚLTIMA E MELHOR OPORTUNIDADE DO ANO DE ENTRAR PARA
A RAÇA QUE CONQUISTOU O PAÍS COM OS RESULTADOS
OBTIDOS NO CRUZAMENTO INDUSTRIAL À PASTO.

DIA 25 DE NOVEMBRO VOCÊ TEM ENCONTRO MARCADO COM O
MELHOR DOS MELHORES CRIATÓRIOS DO BRASIL.

PARA QUEM QUER COMEÇAR NO TOPO OU REFORÇAR PLANTEL.

NÃO ABRA MÃO DA QUALIDADE.

FECHE O ANO COM CHAVE DE OURO.



Limousin

PREPARE-SE PARA SURPRESAS QUE SERÃO MEMORÁVEIS

PROMOTORES



UM MEGA-LEILÃO COM MEGA RESULTADOS

Os 300 animais Limousin dispostos nos cinco pavilhões da 3ª Exposição Nacional da Raça durante a 33ª Exposição Agropecuária de Goiânia, atraíram, de 7 a 15 de setembro, o foco da atenção de cerca de 50 mil visitantes do país e do exterior. Na palavra de um segurança da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura, organizadora do evento, "aqueles animais eram as estrelas mais importantes de 96, o que tinha de mais bonito de se ver naquela exposição".

De fato. Durante o Mega-Leilão da Raça Limousin, no sábado, 14, os 69 lotes, apreçados por Eduardo Gomes e Anibal Teixeira, da Companhia Brasileira de Leilões, alcançaram a maior média de toda a Exposição: R\$ 3.859,13 num total de negócios no valor de R\$ 266.280,00. A média dos machos foi de R\$ 3.551,00

e a das fêmeas foi de R\$ 4.614,00.

Sirloin Executive SFL 77E, importada do Canadá pela Santa Ondina Agropecuária Ltda. e a campeã da categoria Novilha Menor, bateu o recorde do leilão: R\$ 22.800,00. Foi um mega preço pago pelo Clube do Limousin como investimento, a título de marketing do próprio Clube, formado por um grupo de amigos que acredita na raça. Composto pelos criadores paulistas - Jorge Wallace Simonsen Júnior (Agropecuária JS de Bom Jesus), Miguel Abdur (MAF Agropecuária Ltda.), Toni Salloun (Fazenda e Haras Lago Azul), Luiz Carlos Lomba de Mello (Fazenda Canãa) e Saulo de Carvalho (Fazenda Vegas Ranch) - o Clube do Limousin foi lançado nessa Nacional com o objetivo de trabalhar pela disseminação da raça.

O fluxo de criadores de outras raças ao Mega-Leilão do Limousin foi grande.

Segundo Jairo Machado Carneiro, presidente do Núcleo Goiano de Criadores de Limousin, a cada exposição, o número de aficionados aumenta. Neste ano, a estratégia da Associação Brasileira, em conjunto com o Núcleo Goiano, foi definitiva. Além de apresentar o que há de melhor da raça e de demonstrar os excelentes resultados do cruzamento do Limousin com o Nelore, o Núcleo ofereceu um super churrasco para mais de 900 pessoas com uma novilha Limousin PO de 16 meses da Pró-Raça. Foram 18 arrobas líquidas que comprovaram, definitivamente, o valor do Limousin, a sua maciez, e o seu sabor. Se o consumidor final experimentar, uma só vez, essa carne não vai mais querer outra. Palavra de quem experimentou e de quem gostou. Muito. ♥

LIMOUSIN NO CENTRO-OESTE: UM EXEMPLO DE ARROJO



O recente mercado de novilhos precoces no Brasil, tem um exemplo a se mirar: o jovem veterinário Jairo Machado Carneiro Filho, de apenas 24 anos, que, juntamente com seu irmão e cunhados, montou uma estrutura capaz de transformá-los, em menos de três anos, nos maiores produtores de material genético da raça Limousin do Centro-Oeste, além de possibilitar-lhes o ingresso no crescente círculo de pecuaristas que estão investindo no cruzamento industrial.

Na Estância Vera Cruz, em Goianira, GO, está sediada a Pró-Raça, responsável pela produção de touros, matrizes, embriões e sêmen de raça pura que dá suporte ao programa de produção de novilho, instalado na Fazenda Vera Cruz, no município de Barra do Garças, MT, de propriedade de seu pai.

Seu plantel Limousin foi montado com animais adquiridos no Canadá, Estados Unidos e França e o touro Mags Young Gun importado em 94, destacou-se, de imediato, como o segundo touro com maior

comercialização de sêmen da raça. "Só em 1994, foram vendidas 18.500 doses de sêmen para o país inteiro", ressalta o jovem empresário.

Nos 246 hectares da Estância, onde planta sorgo e milho - silagem dos animais em confinamento - as 40 matrizes da raça Limousin servem como doadoras de embriões, produzindo, em média, sete embriões viáveis por coleta. Nos 30 mil hectares da fazenda de Mato Grosso, as 3.500 fêmeas Nelore dentro do Programa de Cruzamento Industrial, tanto por inseminação quanto por monta, ficam no pasto composto por capim Tanzânia e Braquiário. As fêmeas, produto desse Programa, permanecem na Fazenda para um programa de cruzamento absorvente e os machos são engordados para abate, em regime de pasto ou semi-confinamento.

O produto cruzado, em regime de pasto, está atingindo as 18 arrobas em dois anos", informa Jairo, que também passou a colocar animais de 17 meses com 14 a 15 arrobas em semi-confinamento, para garan-

tir o produto na época da entressafra. "Eles ficam no pasto e recebem, no cocho, um concentrado à razão de 1% do peso vivo de cada um. Com isso, três meses depois, aos 20 meses, estão atingindo as 18 arrobas".

Já o confinamento para a produção do superprecoce é feito em Goiás na Estância de Vera Cruz. As vacas paridas no Mito Grosso ficam no pasto com seus bezerras que são tratados no sistema de "creep-feeding". No desmame, aos seis meses, quando estão com cerca de 8 arrobas, estes bezerras são transportados para Goiás, entrando, imediatamente, em regime de confinamento, "o mais rústico possível para não fugir da realidade brasileira e para testar o potencial do 1/2 sangue Limousin", explica Jairo. São piquetes de 100 animais onde cada animal tem 9m² de área disponível. Ele garante que aos 12 meses, quando são abatidos, estão pesando 16 arrobas e apresentam de 56 a 58% de rendimento de carcaça - uma característica que o Limousin imprime no Nelore. ♥



PROJETO ABATE GARANTE: SUPER PRECOCE É MAIS RENTÁVEL

Para provar que o cruzamento do Limousin com Nelore é a alternativa mais viável para a obtenção de lucro, independentemente da idade com que o animal entra para o regime de engorda, a Pró-Raça, em conjunto com a Nutroeste e o Núcleo Goiano de Criadores de Limousin, iniciaram, em março deste ano, o Projeto Abate.

No entanto, o resultado apresentado durante a 3ª Exposição Nacional da Raça Limousin, na 33ª Exposição Agropecuária de Goiânia, realizada de 7 a 15 de setembro, foi taxativo: o superprecoce é mais rentável, embora, em comparação com a média do Rebanho Nacional, os bezerras Limousin/Nelore têm vantagens inegáveis que falam ao bolso do criador: sua lucratividade, que é de 48% por animal.

O experimento, realizado durante 176 dias na Estância Vera Cruz, compreendeu três lotes, cada um com 30 animais $\frac{1}{2}$ sangue Limousin, de idades diferentes - seis meses com peso médio de 208,6 quilos (13,9@), 12 meses com 249,2 quilos (16,6@) e 18 meses com 368,3 quilos (24,5@) - que, do regime de pasto, em Barra do Garças, MT, passaram, diretamente, para o sistema de confinamento.

O zootecnista, especialista em nutrição animal, Luiz Antônio Monteiro, responsável pela parte técnica do Projeto Abate, informou que, nos primeiros três meses, os animais foram alimentados três vezes ao dia com ração concentrada na proporção de 1,1% do peso vivo do animal e com capim elefante triturado. A partir de julho, além da ração e do volumoso composto por capim e cana, os três lotes passaram a receber silagem de milho.

Os animais, avaliados mensalmente, tiveram resultados surpreendentes, diz Luiz Antônio Monteiro, que se declarou assustado com a velocidade com que estes animais converteram, em carne o alimento ingerido. No experimento, o desempenho de cada lote demonstrou, claramente, que quanto mais jovem o animal for confinado, maior será a sua conversão alimentar, e, portanto, maior o seu lucro.

O custo diário dos animais do lote 1 foi de R\$ 0,74 perfazendo, no final do experimento R\$ 130,24 quando atingiu 407

quilos aos 12 meses. Somados os R\$ 130,00 - valor pelo qual cada um foi comprado - o criador teve um gasto de R\$ 260,24 por cabeça.

Já o lote 2, que no final dos 176 dias, aos 18 meses, atingiu uma média de 476 quilos, teve um custo maior de produção por se tratar de animais erados e que comem mais. O gasto foi de R\$ 0,96/dia. Como os garrotes foram adquiridos por R\$ 160,00 o preço final por cabeça foi de R\$ 329,00.

O gasto diário com cada animal do lote 3 foi de R\$ 1,13 e o preço no final do experimento, incluindo aí o preço de compra, chegou a R\$ 428,88 por cabeça, com um peso vivo final de 550 quilos aos 24 meses.

Monteiro observa que a diferença de rentabilidade entre os três lotes prova que o retardamento de peso de abate para 18 ou 20 arrobas, diminui, consideravelmente o lucro, porque, após atingir 16 arrobas,



a eficiência do ganho de peso cai, gastando-se mais alimentação para que o ganho diário fique equilibrado.

Ao fazer a análise do Quadro Técnico-Financeiro abaixo, ele conclui que nem sempre o animal que ganhou mais peso é o mais viável (linha 15); nem o que é mais pesado, o mais rentável (linha 20). Monteiro é taxativo: "O choque de sangue entre as raças Limousin e Nelore contribuiu para o excelente resultado da experiência".

PROJETO ABATE ANÁLISE TÉCNICO-FINANCEIRO

características	lote 01	lote 02	lote 03
01 Idade inicial aproximada	6 meses	12 meses	18 meses
02 Peso Vivo inicial	208 kg	249 kg	368 kg
03 Período experimento 12.03 a 04.09	176 dias	176 dias	176 dias
04 Idade final	12 meses	18 meses	24 meses
05 Peso Vivo final	417 (407)kg	418 (406)kg	563 (550)kg
06 Consumo diário de ração	3,58 kg	4,55 kg	5,40 kg
07 Consumo de ração no período	630 kg	800 kg	950 kg
08 Custo da ração no período	R\$ 94,50	R\$ 120,00	R\$ 142,00
09 Consumo diário de volumoso	13,35 kg	18,75 kg	21,59 kg
10 Consumo de volumoso no período	2.350 kg	3.300 kg	3.800 kg
11 Custo do volumoso no período	R\$ 35,25	R\$ 49,50	R\$ 57,00
12 Custo diário da alimentação (13/3)	R\$ 0,74	R\$ 0,96	R\$ 1,13
13 Custo da alimentação no período	R\$ 130,24	R\$ 168,96	R\$ 198,88
14 Ganho médio diário (15/3)	1.188 g	1.318 g	1.108 g
15 Ganho de peso no período	209 kg	232 kg	195 kg
16 Custo do kg carne ganho (13/15)	R\$ 0,62	R\$ 0,73	R\$ 1,02
17 Custo relativo (%)	100%	118%	165%
18 Rendimento de carcaça	56% (58%)	56% (58%)	56% (58%)
19 Peso da carcaça	15,6 @	18,4 @	21,1 @
20 Valor da carcaça (@ = R\$ 22,00)	R\$ 343,20	R\$ 404,80	R\$ 464,20
21 Valor inicial do animal **	R\$ 130,00	R\$ 160,00	R\$ 230,00
22 Custo total (13 + 21)	R\$ 260,24	R\$ 328,96	R\$ 428,88
23 Lucro (20 - 22)	R\$ 82,96	R\$ 75,84	R\$ 35,32
24 Percentual de Lucro (23/22 x 100)	31,87 %	23,05 %	8,02 %

** Por falta de valor de mercado, estimou-se que animais como este custariam 30 % a mais que o animal tradicional

À 9,35% A MAIS DE CARNE

FAZENDA PORANGAI - XINGUARA - PARÁ

PATROCÍNIO



Assoc. Brasileira dos
Criadores de Limousin
Tel./Fax.: (043)338.6465

Banco  **Noroeste**



Limousin



Jean-Luc Kress expõe aos criadores os fundamentos para uma boa escolha

Fala-se muito das diferenças existentes entre as linhagens do Limousin francês e do norte-americano. Mas, na visão de importantes membros da "família" de disseminadores da raça, Jean-Luc Kress e John W. Edwards, que a convite da Associação Brasileira dos Criadores de Limousin estiveram participando da 3ª ExpoNacional Limousin realizada em setembro, em Goiânia, o Limousin, puro ou cruzado, na China ou na Tanzânia, tem sempre características que o distinguem de outras raças.

Segundo especialistas, os norte-americanos criaram um Limousin mais alto, visualizando, aí, cortes apropriados ao gosto de seu consumidor. Já a França - pátria-mãe da raça - desde as cavernas de Lascaux, onde estão desenhados os primeiros Limousin há 7 mil anos atrás, evoluiu muito e, hoje, está selecionando os tipos Bouchérie (açougue), o Elévage (com mais altura e com musculatura saliente) e o Misto.

O francês Jean-Luc Kress, da Interlim Genetique Service, afirma que o Limousin é ideal para cruzar com qualquer raça zebuína. Ele informa que o Limousin está hoje em 64 países e que cerca de 30 associações de criadores, que foram sendo fundadas sob os auspícios do Herd-Book da

LINHAGENS DIFERENTES DE UMA SÓ RAÇA

França há mais de 25 anos, estão, hoje, aglutinadas no Conselho Internacional Limousin (CIL) criado em 73, com o objetivo de promover o Limousin e favorecer as trocas de informações sobre as técnicas utilizadas e os resultados obtidos em cada país para selecionar e desenvolver a raça, além de investir, pesadamente, no marketing da carne Limousin.

A Interlim é uma empresa comercial com cerca de mil clientes na França e 350 no resto do mundo, que movimenta, anualmente, um volume de negócios de 30 milhões de dólares. "No entanto, nosso objetivo não se restringe apenas à venda. Estamos empenhados no esforço de desenvolver a raça no mundo e de criar o Limousin especialmente procurado por diversos países". Para ele é muito importante que se chegue ao tipo ideal de Limousin de cada país. Por exemplo, a Rússia adquire Limousin de pelo mais comprido para poder enfrentar o frio intenso e de tamanho médio para poder cruzar com as suas vacas leiteiras. Já o criador brasileiro procura o Limousin de pelo curto, peito largo e pernas compridas - características que vão permitir que o Limousin se adapte às condições climáticas locais e para que possa cruzar com as vacas azebuadas.

Segundo ele, a introdução do Limousin no país do Zebu está mudando a mentalidade do pecuarista brasileiro. "O Brasil é o país de maior potencial para produção de carne no mundo, e o trabalho realizado pelos seus criadores é o melhor depois da França, é claro, sobrepujando, em muito, a Argentina e até mesmo o Canadá e os Estados Unidos" garante Jean-Luc.

John Edwards, vice-presidente da

North American Limousin Foundation, afirma que a definição de qualidade nos Estados Unidos é diferente de qualquer outra parte do mundo. Segundo ele, baseia-se no "taste for grain feed beef" inculcado no gosto norte-americano por acaso - ele conta que, após a segunda guerra mundial, o grande estoque de milho da reserva estratégica, passou a ser utilizado para alimentação do gado e, daí para frente, o consumidor norte-americano não quer outra coisa.

Nos Estados Unidos, o que destaca o Limousin das outras raças são, para John Edwards, "a muscularidade, a eficiência da transformação da energia da alimentação em produto de corte e - por causa da combinação de menos ossos, menos gordura e mais músculo - um melhor aproveitamento da carne".

Ele diz que a diferença básica do Limousin francês é que ele é mais musculoso, enquanto que, nos EUA, busca-se um tipo menos musculoso por causa dos tipos de cortes que o consumidor está acostumado a comprar no supermercado. A carne marmorizada do Limousin, está, cada vez, mais caindo no gosto do consumidor americano, preocupado com uma alimentação mais saudável, mais "light", ressalta John Edwards.

Outra característica, que diferencia as duas linhagens, é a estrutura óssea. "Nos EUA temos enfatizado uma estrutura óssea que permite ao gado caminhar longas distâncias, enquanto que na França o Limousin é desenvolvido em pastagens de pequenas dimensões.

Os Estados Unidos tem registrados 10 mil reprodutores e um plantel de 70 mil cabeças da raça Limousin.



ESTÂNCIA 3M

Antecipando para você a melhor decisão

Produzir carne não é segredo para a raça Limousin.

No teste da balança, o Limousin tira de letra.

Para completar,
no prato do
consumidor é
a consagração:
**MENOS GORDURA E
SABOR INIGUALÁVEL.**

Abate Técnico
Núcleo Rio
Grande do Sul da
Raça Limousin -
Oficializado
pela
Secretaria da
Agricultura-RS.

Idade: 21 meses
Animal: $\frac{3}{4}$ Sangue Limousin X Nelore
Peso Vivo: 580,00 Kg
Peso Carcassa: 379,50 Kg (25,3 arroba)

Rendimento: 65,43%
Couro/Peso Vivo: 37,80 Kg = 6,51%

PROPORÇÕES NA CARCASSA

Carne/carcassa: 322,87 Kg = 85,07%
Osso/carcassa: 41,20 Kg = 10,85%
Sebo: 8,91 Kg = 2,35%
Aparas: 6,52 Kg = 1,72%

PEÇAS PRINCIPAIS

File Mignon: 6,20 Kg
Contra-File: 13,50 Kg
Picanha: 7,10 Kg

Abate Técnico Núcleo
Goiânia da Raça
Limousin, acompanhado
pela Escola Veterinária
da Universidade
Federal de Goiás,
Escola de Zootecnia da
Universidade Católica
de Goiás, criadores e
juizes da Associação
Brasileira de
Criadores de Zebu.

Idade: 30 meses
Animal: $\frac{3}{4}$ Limousin X Nelore
Peso Vivo: 827,00 Kg
Peso Carcassa: 552,2 Kg (36,8 arrobas)

Rendimento: 66,75%
Couro/Peso Vivo: 7,01%

PROPORÇÕES NA CARCASSA

Carne/carcassa: 84,35%
Osso/carcassa: 11,60%
Sebo: 2,35%
Aparas: 1,70%

PEÇAS PRINCIPAIS

File Mignon: 9 Kg
Contra-File: 25 Kg
Picanha: 5 Kg

Pense em tudo isso, na hora de optar qual
a MELHOR RAÇA para o
CRUZAMENTO INDUSTRIAL



21 anos desenvolvendo o Limousin
em todo o Brasil

Piscicultura



Carpas:

ornamentais e lucrativas

junto ao Instituto de Pesca, no Parque da Água Branca, na capital paulista. Diz o prof. Ruy que a criação de carpas é chamada de "CIPRINO-CULTURA".

Entusiasta e estudioso da espécie, ele diz, ainda, bem humorado, que "parodiando o boi com a carpa, costuma-se dizer que do boi só se perde o berro. Já da carpa podemos dizer que nem o berro se perde porque a carpa não berra...". Na verdade, além do aspecto ornamental do peixe, muito admirado principalmente pelos japoneses, ele é um excelente negócio em virtude de suas variadas utilidades. Segundo o prof. Ruy, a carpa pode ser criada com as seguintes finalidades:

- Vender os alevinos para criadores;
- Vender os peixes para as peixarias;
- Filetar para vender os filés congelados;
- Vender os peixes vivos para pesque-pague;
- Vender os filés defumados;
- Vender as carpas coloridas como peixes ornamentais, chamadas Nishikigoi;
- Retirar a hipófise e vendê-la ou utilizá-la para a desova induzida de outros peixes;
- Após a filetagem, utilizar a carne restante para deliciosos fishburgers (hamburger de peixe);
- Utilizar as ovas para o saboroso "shokará", de alto preço;
- Selecionar os peixes para a venda de reprodutores;
- Utilizar as vísceras para ração de peixes;
- E as escamas, quando fritas em gordura bem quente, constituem um excelente tira-gosto.

Dessa relação, damos agora algumas explicações técnicas inerentes à

espécie. Com relação ao Nishikigoi, ou seja, a criação de carpas ornamentais, existem concursos promovidos pelos criadores com prêmios altíssimos para os melhores classificados. Para se ter uma idéia, uma carpa, conforme a raça e sua beleza, pode atingir preços entre 5 e 6 mil reais.

O item que fala da hipófise é um exemplo raro. É que os peixes de piracema - aqueles que sobem o rio para desovar - precisam de indução hormonal para a desova. E neste caso é utilizada a hipófise da carpa. O método, para nosso orgulho, foi descoberto pelo gaúcho Rodolpho Von Hering, considerado o pai da piscicultura no Brasil.

Para fazer o SHOKARÁ, trabalha-se a ova da carpa com vários condimentos especiais. Além de saboroso, os japoneses dizem que este é, reconhecidamente, um alimento afrodisíaco. Por isso, a ova da carpa tem um valor extraordinário.

Outro detalhe importante na comercialização: a carpa, quanto mais alta, mais valiosa se torna, pela quantidade de carne que apresenta.

Resistência à temperatura

A carpa tem, ainda, a grande vantagem de agüentar temperaturas que variam de 0°C a 40°C, enquanto que os nossos peixes tropicais vivem dentro de um limite de 20 a 30°C.

Isso, em piscicultura, tem um alto significado, pois os peixes tropicais morrem facilmente no inverno, quando a temperatura da água começa a cair abaixo de 20°C, enquanto que as carpas sobrevivem sem o menor problema.

Espécies

Existem muitas variedades pertencentes

O indispensável dicionário do prof. Aurélio Buarque de Holanda define "carpa" como um peixe teleosteo, cipriniforme e ciprinídeo, oriundo da Eurásia e da África, de cor cinza-ao-prateado. Boca pequena sem dentes verdadeiros, rodeada de barbilhões curtos. Alimenta-se de vegetais e outras substâncias. É espécie muito usada no Velho Mundo, já tendo sido introduzida na América do Sul.

É muita palavra difícil para se definir um peixe tão bonito. A verdade é que, entre nós, a criação de carpas pode ser apenas um hobby, ou tornar-se um excelente negócio muito lucrativo, se bem administrado.

Ainda vamos citar duas palavras difíceis para definir a espécie. Quem as usa é o prof. Euclides Ruy de Almeida Dias, da ABRACOA - Associação Brasileira dos Criadores de Organismos Aquáticos - que funciona

centes à espécie "*Cyprinus carpio*", como: carpa espelho, carpa escama, carpa húngara e carpas ornamentais. Dessas últimas, a relação é extensa, tais como a Kohaku, Tancho, Kinginrin, Showa Sanshoku, Koromo, Taisho Sanshoku, Hikari-utsurimono, Kawarimono, Kikarimoyomono, Asagi, Utsurimono e Hikari-mujimono.

Também existem muitos outros peixes chamados de carpas, mas que, na verdade, não pertencem a esta espécie. São as chamadas carpas chinesas. As principais carpas chinesas são: a carpa cabeça grande, a carpa capim e a carpa prateada.

Criação - um excelente negócio

O prof. Ruy informa, ainda, detalhes sobre o negócio de criação de carpas. Destaca que qualquer pessoa que tenha um sítio ou uma fazenda, que disponha de um lago ou tanque com água de boa qualidade, com certeza poderá multiplicar o seu dinheiro.

Por ser um peixe de grande rusticidade, a carpa adapta-se muito bem em todas as regiões do país.

Pode se alimentar tanto de substâncias de origem animal como vegetal. Por essa razão, os organismos que se desenvolvem no local da criação se constituem em excelente fonte alimentar.

Os dejetos ou as sobras de ração, oriundos da suinocultura, também podem ser utilizados como alimento. Assim sendo, o custo de alimentação pode ser bastante reduzido.

A desova ocorre uma vez ao ano e uma carpa fêmea de 1 kg pode gerar até cem mil óvulos. Com manejo adequado dos alevinos, a taxa de mortalidade pode ser minimizada.

Um alevino de carpa custa hoje

R\$ 0,04 (quatro centavos) e após 10 ou 12 meses, quando bem alimentado, pode ser vendido com 1 kg, ao preço de R\$ 3,50 a R\$ 4,00 o quilo, através de um "pesque-pague".

Quanto ao cálculo de custo, pode-se utilizar a conversão alimentar de 1,6 que, acrescentada à mão-de-obra (0,4), alcança o fator 2,0 de conversão. Multiplicando-se por esse fator o custo do quilo de ração para peixes, que varia de R\$ 0,35 a R\$ 0,55, chega-se a um custo por quilo de peixe de R\$ 0,70 a R\$ 1,10.

Agora, subtraindo do preço mais barato (R\$ 3,50/kg), o custo do peixe criado com a ração mais cara, (R\$ 1,10), sobriam ainda R\$ 2,40 por peixe de 1kg, para absorver, com folga, os demais custos (alevinos, mortalidade, predação por pássaros, etc).

Portanto, criar carpas com alimentação apropriada e água de boa qualidade, pelo que tudo indica, parece ser um bom negócio e do jeito que o brasileiro gosta, isto é, com um retorno rápido e seguro, diz o prof. Ruy.

Pesque-Pague

Muita gente não tem a mínima idéia do que seja um "pesque-pague". Outras nem sequer chegaram a visitar essa novidade. Na verdade, trata-se de um local onde as pessoas pescam diversos tipos de peixes e pagam pelo quilo pescado. Além do lazer, as pessoas, ao contrário dos rios, mar e represas, têm a certeza de que voltarão para casa com bastante peixe. Isso porque, os pesqueiros

são regularmente abastecidos por seus proprietários e, desta forma, nunca falta peixe.

A maioria dos pesqueiros está situada às margens das grandes rodovias por causa da

facilidade de acesso e conta com bares, restaurantes e lanchonetes. Todos cobram ingressos que variam de 5 a 25 reais por pessoa, dependendo das instalações, e até 5 reais pelo quilo do peixe capturado. Nas pesquisas, os peixes mais pescados são o pacu, a carpa, a tilápia, o tambacu, as carpas chinesas e os bagres.

Outra vantagem do pesqueiro é que ele se tornou um ótimo investimento, nos últimos tempos. Muitos proprietários abandonaram a agricultura para, em seu lugar, construir tanques onde exploram o pesqueiro com ótimos resultados financeiros. Para se ter uma idéia da sua importância, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo estima que o número de pesqueiros dobrou nos últimos 18 meses.

Quem é o prof. Ruy

Euclides Ruy de Almeida Dias é pesquisador científico do Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. É também Biólogo e faz curso de pós-graduação na Faculdade de Medicina Veterinária da USP. Tem 20 anos de experiência no Instituto, como criador de tainha. Realiza experiências com a tainha de água salgada, visando sua adaptação em água doce. Diz que praticamente tem obtido bons resultados.

Atualmente, desenvolve uma tese sobre SUSHI e SASHIMI, ou seja, o consumo de peixes crus, um costume oriental.



A semeadura correta

* Luiz Blanco

Na escolha da gramínea está o critério de suma importância para a formação de uma pastagem produtiva e longeva. Porque é ela que vai exigir o tipo e fertilidade do solo, clima, topografia, calagem, adubação e sua utilização (manejo).

A maioria das gramíneas utilizadas para formação de pastagens no Brasil são tropicais ou subtropicais, com maior produção no verão, outono e março. Os animais têm a mesma necessidade de alimentação o ano todo; portanto a fenação ou a silagem passam a ser uma obrigatoriedade na exploração pecuária.

A produção de leite e carne a pasto exige que a pastagem seja tratada como cultura. O preparo do solo na época certa, utilização da quantidade correta de sementes por ha., o controle de invasoras e o plantio, que deve ser realizado quando as chuvas se regularizam.

Procurar a orientação técnica, antes de efetuar o plantio, pode ser um fator determinante para obtenção de uma pastagem bem formada. Isto porque existem variedades de potencial mais produtivo como os panicums maximums TANZÂNIA 1 e MONBAÇA, SETÁRIA para áreas úmidas e leguminosas para consorciação e banco de proteína, visando produtividade para atender animais com características genéticas mais exigentes.

Na formação da pastagem, o insumo mais importante é a semente. Conhecer a QUALIDADE e estabelecer a QUANTIDADE a ser adquirida, ainda é, para muitos produtores, fator de risco, o que tem ocasionado muitos insucessos.

A qualidade da semente traduz-se por VC (Valor Cultural), obtido dos parâmetros PUREZA e GERMINAÇÃO. Exemplo: em um quilo de se-

mentes com pureza de 50% e germinação de 80%, o valor cultural será de 40%. Portanto a quantidade de sementes que terão condições de gerar outras plantas será de 400 gramas em um quilo.

Escolhida a gramínea e conhecendo seu valor cultural, calcula-se a quantidade a ser semeada por ha., conforme as condições de preparo do solo e plantio.

Veja abaixo como calcular a taxa de semeadura, conforme as condições de plantio, valendo-se de índices para a obtenção de STAND ideal de plantas por ha.

A pastagem é a interação de vários elementos como: solo e seus componentes, temperatura, clima, precipitação, etc.

Sua exploração está condicionada às variedades mais adaptadas para cada região. ♡

CÁLCULO DA TAXA DE SEMEADURA

Como calcular a quantidade de sementes por hectare
Utilização de índices para se obter o stand ideal de plantas,
levando em consideração as condições de plantio

Índice de Plantio

	Condições ideais	Condições médias	Condições adversas	
	Índice (kg/ha)	Índice (kg/ha)	Índice (kg/ha)	Profundidade de Plantio (cm)
Sementes				
Brachiárias	240 VC	320 VC	480 VC	2
Andropogon	240 VC	320 VC	480 VC	1
PMaximum	180 VC	240 VC	340 VC	1
Setária	180 VC	240 VC	340 VC	1
Rhodes	180 VC	240 VC	340 VC	1

Exemplo: Para o plantio de Brachiária, com VC = 40% e em condições ideais, a quantidade a ser semeada é $240/40 = 6$ kg/ha.

Plantio em condições ideais

- Plantio em época normal
- Solo analisado e corrigido
- Solo bem preparado
- Reposição de nutrientes
- Equipamentos em boas condições
- Uso de rolo compactador
- Plantio solteiro

Plantio em condições médias

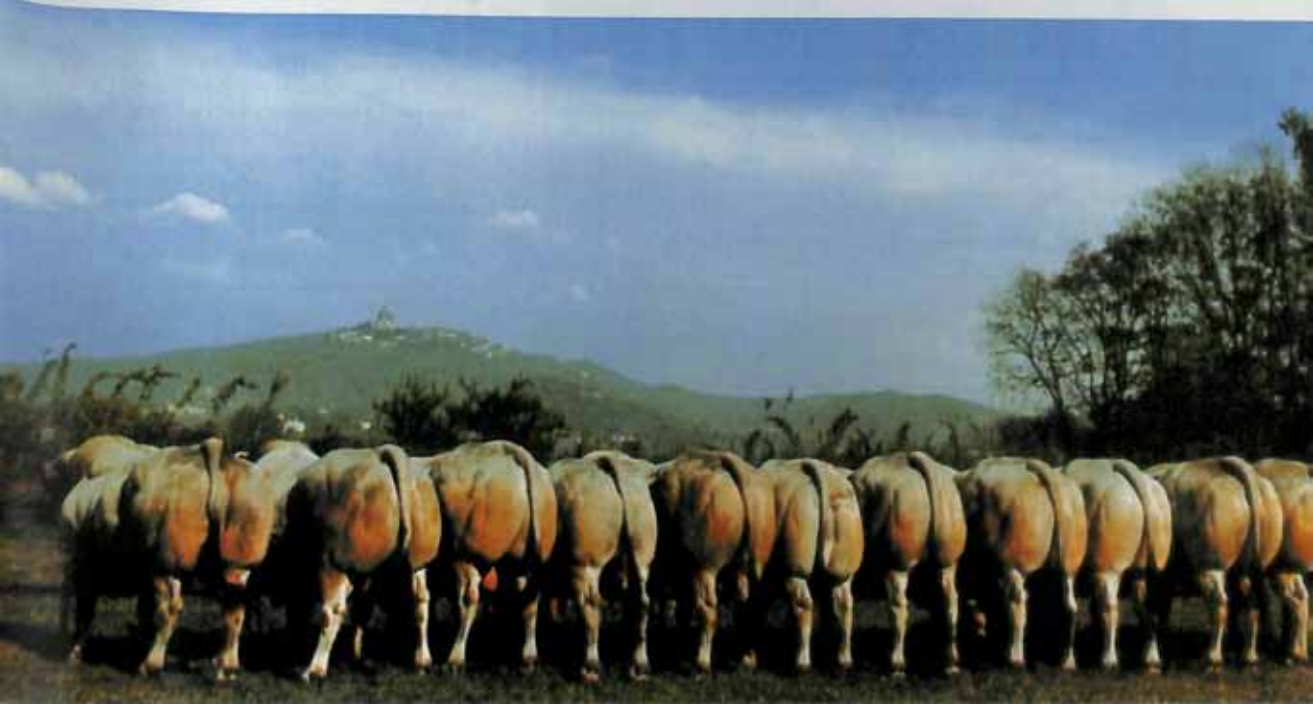
- Plantio a lanço (superfície) sem compactação
- Plantio com solo semi-preparado
- Plantio consorciado com outras culturas
- Épocas de plantio com incidência de veranicos

Plantio em condições adversas

- Plantio aéreo
- Plantio tardio
- Plantio em terreno com declive
- Plantio com pouco preparo do solo
- Plantio em várzeas úmidas
- Plantio a lanço (superfície) manual
- Plantio no pó, sem previsão de chuva
- Equipamento com má regulagem

* Luiz Blanco é Assistente Técnico da Sementes Naterro

Impossível Não Querer.



Touro de PACTINA

Sendo um homem de negócios, o pecuarista moderno precisa estar integrado ao sistema de *agribusiness*. Novas alternativas são sinônimo de sucesso.

A Raça Piemontesa é uma das mais precoces em reprodução e acabamento de carcaça. Permite ganhar até 51% a mais em produtividade.

	Arrobas	Anos	Arrobas/Ano
Anelorado	18	4	4,5
1/2 Piemontês	17	2,5	6,8

O touro Piemontês tem pele negra e pelo branco, resultados do cruzamento de animais taurinos com ancestrais zebuinos provenientes do Paquistão.

Como raça pura, gera a carne mais procurada pelo consumidor italiano e apresenta os mais altos índices zootécnicos.

O melhor não custa mais. Informe-se e decida.

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Piemontesa
Rua Santa Catarina, 1901 18708-000 Avaré SP
Tel./Fax (0147) 22-4118

**IMPOSSÍVEL
NÃO QUERER**



Nutrição mineral de plantas forrageiras

*Francisco Antônio Monteiro

Introdução

As plantas das famílias das gramíneas e das leguminosas constituem a maioria das pastagens de toda a superfície terrestre. Mais de 10.000 espécies de gramíneas e de 16.000 espécies de leguminosas são reconhecidas atualmente.

Nas regiões tropicais, a produção animal é basicamente dependente de pastagens. A evolução no tempo tem mostrado, especificamente para o trópico brasileiro, uma crescente mudança das pastagens naturais para as cultivadas. O Estado de São Paulo, por exemplo, tem cerca de 75% da sua área com forrageiras ocupados por pastagens cultivadas.

Tradicionalmente, o que tem ocorrido no Brasil Central é a exploração de

pastagens dentro de um enfoque extrativista. Dessa forma, alguma produção animal tem sido obtida, enquanto a pastagem sofre uma degradação progressiva. Paralelamente, o que se tem observado é uma contínua busca de "novas" (e até mesmo "milagrosas") gramíneas forrageiras para substituir aquelas até então utilizadas, sem, entretanto, se revelar uma preocupação evidente de corrigir os problemas que levaram à queda da produtividade da pastagem em exploração. Seguramente, um desses problemas está na nutrição das plantas forrageiras.

Os nutrientes nas plantas forrageiras

De forma semelhante à todas as ou-



Tabela 1: Concentrações de nutrientes na matéria seca de alguns capins amostrados no Estado de São Paulo

Nutriente	Capins		
	Elefante	Colômbio	β,decumbens
Macronutrientes (%)			
Nitrogênio	2,21	1,73	1,70
Fósforo	0,23	0,21	0,26
Potássio	2,98	2,11	1,77
Cálcio	0,82	0,42	0,53
Magnésio	0,27	0,24	0,34
Enxofre	0,12	0,07	0,14
Micronutrientes (mg/kg)			
Boro	25	15	18
Cloro	3994	2168	3075
Cobre	10	7	6
Ferro	178	124	184
Manganês	179	90	108
Molibdênio	0,53	0,83	0,08
Zinco	10	21	27

Fonte: GALLO et al. (1974)



Figura 1: Ilustração da composição percentual de plantas forrageiras

tras plantas, as forrageiras em crescimento tem de 75 a 90% do seu peso representados pela água. Assim, da forrageira verde cerca de 10 a 25% correspondem a matéria seca. Esta matéria seca é representada por componentes como proteínas, lipídeos e carboidratos, que fazem parte desses vegetais em porcentagens significativas, de tal forma que, usualmente, os elementos minerais representam em torno de 5 a 7% da matéria seca dessas plantas (Figura 1).

Esses minerais que estão nas plantas constituem os seus nutrientes. No momento, são reconhecidos mundialmente treze nutrientes das plantas (entre as quais estão as forrageiras), sendo seis deles absorvidos pelas plantas em quantidades bem maiores que os demais. Esses nutrientes que estão nas plantas em maiores concentrações são chamados de macronutrientes e são representados pelo nitrogênio (N), fósforo (P), potássio (K), cálcio (Ca), magnésio (Mg) e enxofre (S). Os outros nutrientes necessários às plantas em menores quantidades são denominados micronutrientes, e são: boro(B), cloro (Cl), cobre (Cu), ferro (Fe), manganês (Mn), molibdênio (Mo) e zinco (Zn). A tabela 1 mostra as concentrações desses nutrientes em várias gramíneas forrageiras.

As concentrações apresentadas na tabela 1 não podem ser tomadas como números fixos, uma vez que elas podem variar em função da espécie forrageira, do solo onde crescem essas plantas, da época do ano, da idade da planta, da adubação executada e também do manejo adotado para a pastagem.

Cada um dos nutrientes é indispensável para o desenvolvimento das plantas e exerce uma ou mais funções específicas nessas plantas. O completo relato das funções desses nutrientes é encontrado em livros específicos sobre o assunto. Assim, nas tabelas 2 e 3 se busca resumir algumas formas como esses nutrientes participam das plantas. ♡

(Leia a continuação deste artigo no próximo número da Revista dos Criadores)

Tabela 2: Participação dos macronutrientes em alguns compostos e algumas funções nas plantas.

Macronutrientes	Participação nas plantas
Nitrogênio	Presente nas formas orgânicas e inorgânicas. Faz parte de aminoácidos, enzimas, clorofila, ácidos nucleicos e predomina na forma de proteínas.
Fósforo	É componente da ATP, dos ácidos nucleicos e da fitina. Está envolvido nas reações de transferência de energia.
Potássio	Não faz parte de composto orgânico das plantas. Está relacionado com a hidratação da planta e com o transporte de carboidratos.
Cálcio	Importante para a permeabilidade da membrana das células, participa da lamela média na parede celular e faz parte da calmodulina.
Magnésio	Componente da clorofila e atua em reações de transferência de energia.
Enxofre	Faz parte de alguns aminoácidos e das proteínas que contêm esses aminoácidos. Está presente em vitaminas e coenzimas.

Tabela 3: Participação dos micronutrientes em algumas funções nas plantas.

Micronutrientes	Participação nas plantas
Boro	Importante para a divisão celular, na reprodução das plantas e atividades nas células.
Cloro	Envolvido na fotossíntese e relaciona-se à hidratação das plantas.
Cobre	Constituinte de proteína que atua na fotossíntese e faz parte de uma série de enzimas.
Ferro	Componente de várias enzimas e proteínas. Uma dessas proteínas atua na assimilação do nitrogênio e outra na fixação do nitrogênio.
Manganês	Tem importante atuação em várias reações da fotossíntese e atua em várias enzimas.
Molibdênio	Faz parte de duas enzimas com participação na assimilação e na fixação do nitrogênio.
Zinco	Atua em uma série de enzimas e está relacionado à síntese do triptofano.

**Francisco Antônio Monteiro - ESALQ - USP*

Febre Aftosa: situação e providências

A febre aftosa, introduzida pela primeira vez no continente americano, em 1870, com animais trazidos da Europa, tem sido motivo de um sério trabalho desenvolvido pelo governo brasileiro que, em 1963, iniciou a Campanha de Combate à Febre Aftosa, hoje, denominada Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa.

O Departamento de Defesa Animal, da Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, responsável pelo Programa, acaba de divulgar, de forma esquematizada, todas as informações abaixo, que consideramos ser de grande interesse dos leitores da Revista dos Criadores.

Ministério da Agricultura e do Abastecimento Secretaria de Defesa Agropecuária Departamento de Defesa Animal Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa

Área do Programa

- Estados envolvidos - Todos os estados, sendo 17 abrangendo todo o território estadual e 10 de forma parcial.
- População bovina - 158.700.000 de cabeças (maior rebanho comercial do mundo)
- Rebanhos bovinos - 2.230.000

Estrutura dos serviços veterinários (Federal e Estadual)

- Recursos Humanos
- 2.015 Médicos Veterinários e outras categorias de nível superior
- 6.149 Auxiliares Técnicos
- 2.079 Auxiliares Administrativos
- TOTAL - 10.243
- ESCRITÓRIOS LOCAIS: 1.872

Ações do Programa e suas responsabilidades

- Ministério da Agricultura e do Abastecimento
- Coordenação, supervisão e normalização; controle de qualidade da vacina contra a febre aftosa; controle de trânsito interestadual e internacional de animais, produtos e subprodutos de origem animal, diagnóstico laboratorial; capacitação de recursos humanos; educação sanitária.
- Repasse de recursos aos Estados para a execução do Programa.
- Secretarias Estaduais de Agricultura:
- Execução das atividades do Programa ao nível de campo: vacinação, controle de focos, fiscalização interestadual e intermunicipal de animais, fiscalização de eventos pecuários, fiscalização do comércio de vacinação contra a febre aftosa, educação sanitária, capacitação de recursos humanos.
- Entidades Privadas
- Promoção da vacinação e apoio financeiro a determinadas ações locais.
- Participação em Comitês Estaduais/Municipais do Programa.

Produção de vacinas

- 176,9 milhões de doses de vacina contra febre aftosa (1995)

Situação Sanitária

- Focos de Febre Aftosa nos últimos 5 anos, em todo o país:

1.992 - 1.232

1.993 - 1.432

1.994 - 2.093

1.995 - 589

1.996 - 128 (até junho)

• Áreas sem ocorrência de Febre Aftosa

Rio Grande do Sul e Santa Catarina - Há 32 meses sem ocorrência da doença. O DDA está ultimando os procedimentos técnicos para solicitar ao Escritório Internacional de Epizootias (OIE) em Paris, o reconhecimento dos dois estados como **Zona Livre de Febre Aftosa, com vacinação** (população bovina da área: 15 milhões de bovinos).

Paraná - 15 meses sem casos clínicos da doença

Mato Grosso do Sul - 20 meses sem casos clínicos da doença

Goiás - 12 meses sem casos clínicos da doença

Distrito Federal - 39 meses sem casos clínicos da doença.

• Áreas de baixa ocorrência de Febre Aftosa

São Paulo - 05 focos

Minas Gerais - 02 focos

Mato Grosso - 01 focos

Bahia - 03 focos

Espírito Santo - 03 focos

Rio de Janeiro - 10 focos

Estratégia de Atuação

- Atuação por circuitos pecuários (Sul, Centro-Oeste, Leste, Nordeste e Norte)
- Participação da comunidade

Exportação Brasileira de Carnes Bovinas

- Média dos últimos 5 anos: 450 mil toneladas/ano
- Estados brasileiros habilitados a exportar carnes bovinas frescas para a união européia - UE:
- Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e Espírito Santo.

Países da América do Sul Livres de Febre Aftosa

- Chile, Uruguai, Guiana, Suriname e Guiana Francesa
- A Argentina solicitou em maio último o reconhecimento internacional do país como Livre de Febre Aftosa com Vacinação.

Abaixo são mostrados dados e informações a respeito do Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa - PHEFA

Plano Hemisférico de Erradicação

Propósitos:

- Melhorar a disponibilidade de carne e leite (segurança alimentar)
- Melhorar a inserção no comércio mundial
- Melhorar a eficiência produtiva

Objetivos:

- Criar áreas livres
- Proteger as áreas livres já existentes

Estratégia do PHEFA

1. Regionalização
2. Participação social e inter-setorial
3. Fortalecimento a nível local
4. Diferenciação da atenção a pequenos produtores
5. Integração de países através de programas sub-regionais e de fronteira
6. Informação e comunicação social

Países / Regiões livres ou sem ocorrência de Febre Aftosa na América do Sul até junho de 1996.

Regiões ou Países	Bovinos*	Rebanhos	KM²
Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Chile, Chocó (Colômbia), Patagônia (Argentina)	3.900	250.000	1.600.000
Uruguai 69 meses sem febre aftosa 21 meses sem vacinação	9.180	53.700	174.000
Argentina 23 meses sem febre aftosa	56.007	292.940	2.779.890
Rio Grande do Sul e Santa Catarina 27 meses sem febre aftosa	15.460	560.400	376.000
Paraguai 19 meses sem febre aftosa	9.800	23.000	406.000
Mato Grosso do Sul 18 meses sem febre aftosa	22.300	43.700	357.471
Paraná (Brasil) 12 meses sem febre aftosa	8.600	158.000	190.000
Total:	125.247	1.381.740	5.883.361

*Mil

Países / Regiões livres ou sem ocorrência de Febre Aftosa na América do Sul antes de 1988 até 1993

Ano	Regiões ou Países	Bovinos*	Rebanhos	KM²
Antes de 1988	Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Chile, Chocó (Colômbia), Patagônia (Argentina)	3.900.000	250.000	1.600.000
1993	Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Chile, Chocó (Colômbia), Patagônia (Argentina)	3.900.000	250.000	1.600.000
	Uruguai 34 meses sem febre aftosa	9.180.000	53.700	174.000
	Total	13.080	303.700	1.774.000

Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Secretaria de Defesa Agropecuária
Portaria nº 107, de 16 de agosto 1996

O SECRETÁRIO DE DEFESA AGROPECUÁRIA, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 83, do Regimento Interno desta Secretaria, aprovado pela Portaria Ministerial nº 319, de 6 de maio de 1996, tendo em vista o disposto na Portaria Ministerial nº 824, de 29 de dezembro de 1995, e

Considerando a situação dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, nos quais não se registra a presença da febre aftosa há mais de dois anos;

Considerando a necessidade da adoção de medidas sanitárias para manutenção da situação conquistada, resolve:

Art. 1º - Suspender o trânsito de animais suscetíveis à febre aftosa para os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, procedentes de outras Unidades da Federação.

Parágrafo único - inclui-se na suspensão o trânsito de animais das espécies bovinas, bubalina, ovina, caprina e suína, entre outras suscetíveis à febre aftosa.

Art. 2º - A suspensão de que trata o Artigo anterior vigorará pelo prazo de 120 (cento e vinte) dias, até que o Departamento de Defesa Animal, desta Secretaria, defina as condições de natureza zoonosológica a serem observadas para sua realização.

Art. 3º - Determinar ao Departamento de Defesa Animal que efetue as análises de risco, revise e defina as regras de natureza zoonosológica a serem cumpridas para a entrada de produtos de origem animal nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, destinados a quaisquer fins, com vigor a partir de 1º de janeiro de 1997.

Art. 4º - Esta Portaria entra em vigor a partir de 1º de setembro de 1996.

Enio Antonio Marques Pereira

Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Gabinete do Ministro
Portaria nº 494, de 14 de agosto de 1996

O MINISTRO DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 87, Parágrafo Único, inciso II, da Constituição da República, e tendo em vista o disposto na Lei nº 1.283, de 18 de dezembro de 1950, alterada pela Lei nº 7.889, de 23 de novembro de 1989, e

Considerando os níveis de desenvolvimento sócio-econômico observados nas diversas regiões do país;

Considerando os diferentes estágios de evolução do parque industrial de carnes e produtos derivados, conferindo padrões tecnológicos assimétricos, tanto do ponto de vista operacional, de transporte e de equipamentos, o que requer a concessão de um prazo maior às devidas adequações;

Considerando a justificada preocupação com a descontinuidade do abastecimento à população de carnes resfriadas;

Considerando as mudanças abruptas, mas necessárias que, se está introduzindo no processo de obtenção e na comercialização de carne, interferindo, até mesmo, nos hábitos e costumes do consumidor, e que exige, por via de consequência, a adoção de medidas cautelosas e progressivas, resolve:

Art. 1º - Alterar o Artigo 1º da Portaria nº 304, de 22 de abril de 1996, que passará ter a seguinte redação:

"Os estabelecimentos de abate de bovinos, bubalinos e suínos somente poderão entregar carnes e miúdos para comercialização, com temperatura de até 7 (sete) graus centígrados, admitindo-se pelo prazo de 18 meses, a tolerância de uma elevação de temperatura de até 3 (três) graus centígrados."

§1º

§2º

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Arlindo Porto

Burocracia impede importação de matéria-prima para anestésico animal

A GLOBALIZAÇÃO DA QUALIDADE...

As indústrias, clínicas e hospitais veterinários estão preocupados com a escassez de matéria-prima para produção de anestésico animal. Segundo o Sindan (Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal), esta falta deve-se a problemas burocráticos que as indústrias têm enfrentado junto aos órgãos responsáveis pela liberação dos produtos.

Segundo portaria do Ministério da Saúde, os laboratórios de produtos veterinários devem ter o aval deste Ministério e autorização da Polícia Federal para a importação de matéria-prima para anestésicos. Com esta autorização, conseguem a liberação da guia de importação, retirada no Banco do Brasil. Entretanto, o Ministério da Agricultura, responsável pela rigorosa distribuição destes produtos, exige que eles estejam registrados no órgão, já que é de sua competência o controle dos anestésicos veterinários.

Este trâmite, porém, não vem ocorrendo. A Secretaria de Vigilância Sanitária da Secretaria Estadual da Saúde, representante do Ministério em São Paulo, alega não poder emitir a autorização, por ser uma atribuição de competência daquela Pasta. "O prolongamento desta situação incôfortável tem dificultado a importação, levando laboratórios, clínicas e zoológicos a substituírem parcialmente os anestésicos animais por humanos, muito mais caros e pouco específicos para sua função", afirma Nelson Antunes, presidente do Sindan.

Segundo Nelson Antunes, a questão já foi levada ao conhecimento do Departamento de Produção de Produtos Veterinários do Ministério da Saúde, do Delegado Federal da Agricultura, Francisco Sérgio F. Jardim, e do Departamento de Vigilância Sanitária de São Paulo, sem que, até o momento, a situação tenha sido regularizada. ▼

... Para satisfazer totalmente nossos clientes de tal maneira que nossos produtos sejam sua primeira escolha.

STANLEY

Utilização do "California Mastitis Test" - C.M.T. no diagnóstico da mastite subclínica caprina

* Maria da Conceição Estelita Vianni

O valor nutritivo do leite e sua importância na alimentação humana, especialmente de crianças, vêm sendo destacados por pesquisadores de todo o mundo.

Entretanto, a literatura ressalta que a intolerância demonstrada pelas crianças ao leite de vacas, (diarréia, vômito e dores abdominais) alcança porcentagem relativamente elevada, principalmente nos primeiros anos de vida. Tal fato determina especial atenção face à relevância do leite na alimentação infantil.

A substituição do leite de vacas pelo leite de cabras tem apresentado excelentes resultados, pois não determina intolerância, contribui com a suplementação de cálcio, fósforo e ácido fólico, possuindo também maior digestibilidade do que o leite de vacas e isso se deve à coagulação mais fina da caseína (proteína do leite) e ao menor diâmetro dos glóbulos de gordura presentes no leite. Além disso, por ser levemente alcalino, dificilmente determina processos fermentativos, razão pela qual é largamente utilizado na prevenção de cólicas dos recém-nascidos.

A criação de cabras de leite é tra-

dicional em países dos continentes Africano, Asiático e Europeu, sendo que, nas últimas décadas, tem sido grande a difusão dessa espécie para o Continente Americano, inclusive o Brasil.

Nosso rebanho caprino supera 10 milhões de cabeças, localizadas principalmente nos estados da Região Nordeste, onde a espécie é importante para a população como fonte de leite e carne, além do couro que contribui para aumentar a renda familiar.

Apesar de um efetivo menor, a Região Sudeste vem apresentando um número crescente de instalações para produção e industrialização artesanal do leite a nível de propriedade. Com isso, os criadores se organizaram em Cooperativas e nos dias de hoje a caprinocultura de leite começa a ganhar destaque como atividade na pecuária de leite.

O aumento da criação de cabras de leite traz consigo a necessidade da adoção de medidas higiênicas-sanitárias, desde a produção até a comercialização, capazes de garantir ao consumidor um produto de boa qualidade.

A mastite caprina se constitui em sério problema sanitário e econômico em países onde essa ativi-

dade é bem desenvolvida. No Brasil, a intensificação da caprinocultura de leite já mostra que essa enfermidade é uma realidade em nossos rebanhos. Portanto, sua ocorrência exige a utilização de métodos eficientes de diagnóstico, representados por testes indiretos realizados a nível de campo e testes diretos executados no laboratório.

Os testes indiretos estão relacionados à contagem de células somáticas no leite (principalmente os leucócitos), onde sua estimativa permite avaliar o grau de intensidade do processo infeccioso naquela(s) metade(s) do úbere. Dessa forma, quanto mais grave a infecção, mais elevado será o número dessas células.

Já os métodos diretos dizem respeito a identificação do(s) micro-organismo(s) causador(es) do processo infeccioso e presente(s) no leite proveniente de animais com mastite. Apesar de ser um método preciso, muitas vezes não se dispõe de um laboratório de apoio. Portanto, restam os métodos indiretos ou de campo, que são amplamente utilizados como único recurso para o diagnóstico das mastites subclínicas, principalmente nas cidades do interior.



Maria da Conceição Estellita Vianni

Nos Estados Unidos, a contagem de células somáticas é utilizada como critério de aceitação e comercialização do leite nas indústrias de laticínios.

Dentre os vários métodos que estimam o número de células somáticas, destaca-se o "Califórnia Mastitis Test"-C.M.T., rotineiramente usado ao "pé do animal" e considerado o melhor para o diagnóstico indireto das mastites bovinas.

Entretanto, alguns autores afirmam que o leite de cabras, mesmo saudáveis, possui um número de células somáticas bem mais elevado que o leite de vacas, e isso se deve não ao elevado número de leucócitos - que por sua vez evidenciaria o processo infeccioso - e, sim, ao grande conteúdo em células epiteliais de descamação e estruturas citoplasmáticas originárias da glândula mamária de cabras. Portanto, a estimativa do processo infeccioso estaria mascarada, já que todas as células presentes seriam contadas, resultando em animais falso positivos.

Em contra-partida, outros autores afirmam que o C.M.T., à semelhança do que acontece nas mastites bovinas, pode ser usado como método de diagnóstico indireto nas mastites caprinas, uma vez que o nú-

mero dessas partículas citoplasmáticas, presentes no leite, não interferiria na reação do C.M.T.

Apesar de ser usado amplamente a nível de campo, o C.M.T. ainda causa polêmica quanto à sua precisão, e tal discordância motivou uma avaliação desse teste no diagnóstico da doença em cabras.

Este estudo foi desenvolvido por um período de sete meses em seis propriedades situadas no Estado do Rio de Janeiro, envolvendo 80 animais, ou 160 metades de úberes.

Os resultados dessa avaliação mostraram que a mastite subclínica caprina está presente em elevada prevalência (51,82%), e que da mesma forma como é utilizado para o diagnóstico das mastites subclínicas bovinas, o C.M.T. também pode ser usado rotineiramente para o diagnóstico da doença em caprinos, já que seus resultados foram semelhantes aos resultados de outros testes de maior precisão também utilizados no experimento. ♡

** Maria da Conceição Estellita Vianni - Profa. Adjunta IV - Desp. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*

**SEMENTES PARA PASTAGENS
E ADUBAÇÃO VERDE**

SEMENTES



NATERRA



- Andropogon
- Brizantha
- Decumbens
- Dictyoneura
- Humidicola
- Setária
- Rhodes
- Tanzânia
- Mombaça
- Calopogônio
- Leucena
- Mucuna Preta
- Crotalaria
- Feijão Guandu

SORGO FORRAGEIRO

BR
501

BR
601

**Quem planta
NATERRA
não erra**



**Plante NaTerra
a Opção Certa**

CONSULTE NOSSO
DEPARTAMENTO TÉCNICO

CIC Central de
Informações ao
Cliente
0800 183 222

Internet: (E-Mail) naterra@netsite.com.br

O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA EXIGE:

40% DE PUREZA MÍNIMA
PARA BRACHIÁRIAS

Abortos de origem infecciosa: prevenir é a melhor saída para o criador



Entre as doenças que acometem os bovinos, os abortos de origem infecciosa constituem-se em um dos maiores problemas para pecuaristas de corte e leite em todas as regiões do país, pois além de matar o feto, esta enfermidade é de fácil disseminação e seu controle requer muita eficiência no manejo e higiene da propriedade.

Existem vários agentes que causam o aborto de origem infecciosa em vacas. Os mais frequentes são: Vírus IBR (Rinotraqueíte Infecciosa Bovina), Vírus BVD (Diarréia Bovina a Vírus), *Brucella abortus* (Brucelose), *Leptospira pomona* e *Leptospira hardjo* (Leptospirose), *Trichomonas fetus* (Tricomontíase), *Campylobacter fetus* (Campilobacteriose) - ver quadro n. 1 sobre histórico e sintomas das doenças.

O controle de abortos em um rebanho baseia-se no diagnóstico do fator ou fatores responsáveis pelo desenvolvimento da doença. O diagnóstico deve ser feito por um médico veterinário, se possível com o apoio de um laboratório de análises.

No Brasil existem diversas vacinas para auxiliar os criadores na prevenção das causas do aborto de origem infecciosa dos bovinos. A Rhodia-Mérieux possui uma linha de vacinas exclusivas para o controle desta doença: Anarbotina Bovina B19, Lepto 5, Tandem 4K e Tandem 9k.

Anarbotina Bovina B19 há mais de quarenta anos é sinônimo de eficácia na prevenção de brucelose em bovinos. As outras três, lançadas recentemente, representam o que há de mais moderno no con-

trole dos abortos de origem infecciosa.

Lepto 5 é uma vacina inativada importada dos Estados Unidos, formulada com os antígenos inativados das leptospirosas *L. canicola*, *L. grippityphosa*, *L. hardjo*, *L. icterohaemorrhagiae* e *L. pomona*.

Tandem 4k, também inativada e importada dos Estados Unidos, combate os vírus IBR, BVD, BRSV e PI3; estes vírus são inativados pela betapropiolactona e emulsionados com o adjuvante Tandem. Desenvolvido pelo Laboratório Sanofi, o adjuvante Tandem torna as vacinas mais fáceis de serem injetadas, não produz reações nos tecidos onde ocorre a aplicação e induz a liberação controlada dos antígenos ao longo do tempo - ação semelhante à injeção de pequenas doses de antígeno durante vários dias.

Tandem 9k: sinônimo de evolução - Um completo programa de imunização para o gado em uma única vacina. Assim pode ser definida Tandem 9k.

O produto é nada menos que a união das vacinas Lepto 5 e Tandem 4k, sendo, portanto, indicado para a prevenção dos bo-

vinos contra IBR, BVD, PI3, BRSV e leptospiroses causadas por *L. canicola*, *L. grippityphosa*, *L. hardjo*, *L. icterohaemorrhagiae* e *L. pomona*.

As vantagens de vacinar o gado com Tandem 4k e Tandem 9k são inúmeras: a vacina é produzida com cepas de vírus e leptospirosas selecionadas para obter uma elevada resposta imunogênica, possui formulação equilibrada para obter resposta imunológica para cada um dos componentes da vacina, protege contra o vírus BVD mesmo em bezerros com anticorpos de origem materna e confere proteção humoral e celular contra o vírus respiratório sincicial bovino (BRSV).

Além disso, as vacinas podem ser aplicadas em vacas prenhes ou novilhas, tanto em gado de corte como de leite, pois não causam nenhuma alteração na carne ou no leite. Como só contém agentes inativos, os produtos não causam aborto nas fêmeas prenhes. Outro ponto positivo é que não causam imunodepressão, como pode acontecer com as vacinas a vírus vivo modificadas. ▽

Histórico e sintomas das principais causas de aborto

Doença	Ag. Responsável	Sintomas
Rinotraqueíte Infecciosa Bovina (IBR)	Vírus IBR	• aborto na 2ª metade da gestação • autólise do feto • sintomas respiratórios ou conjuntivite até 3 meses antes do aborto
Diarréia Bovina a Vírus (BVD)	Vírus BVD	• aborto no meio da gestação • retorno do cio • bezerros com defeitos congênitos
Brucelose	<i>Brucella abortus</i>	• aborto com 6 ou mais meses • placenta com edema e necrose dos cotilédones
Leptospirose	<i>Leptospira pomona</i> e <i>Leptospira hardjo</i>	• aborto com ou sem febre • aborto com 5 ou mais meses • placenta sem vascularização
Tricomontíase	<i>Trichomonas fetus</i>	• aborto com 2 a 4 meses • piometra • infertilidade: retorno do cio após 4 a 5 meses
Campilobacteriose	<i>Campylobacter fetus</i>	• taxa de aborto baixa • aborto com 4 a 6 meses • infertilidade temporária: diestro irregular

Gerdau lança Mourão de Aço

O Gerdau trouxe para o Brasil a mais moderna tecnologia em mourão de aço, testada e aprovada na Europa, Estados Unidos e Austrália, substituindo com inúmeras vantagens os mourões de madeira e de concreto. O produto é a maior estrela da nova linha de produtos agropecuários para cercas lançados pela Gerdau na Expoiner 96 junto com a Multiviga, um novo sistema de coberturas que substitui a madeira e será utilizado na construção de 4.000 casas populares no Paraná. Com a nova linha de produtos agropecuários, o Grupo Gerdau pretende atingir uma receita de vendas de US\$ 35 milhões nos próximos cinco anos.

Essa nova linha inclui o mourão de aço, arames para cerca elétrica e o emendador automático de cercas Wirelok. O lançamento representa uma nova solução em construção de cercas, pois torna mais ágil a instalação, com produtos mais duráveis, de menor custo e ecológicos.

Mourão de Aço

Inédito no Brasil, o mourão de aço é fabricado em aço alto carbono, resistente à ação do tempo, ao fogo e ao impacto de animais. Possui pintura eletrolítica - a mesma utilizada na indústria automobilística - garantindo uma vida útil maior. Ao contrário do mourão de madeira ou concreto, o mourão de aço já vem furado e elimina a necessidade de cavar buracos no chão. Pesa menos que os outros e é fácil de transportar, além de ocupar menos espaço de estocagem.

O mourão também é utilizado em qualquer tipo de cerca, com diferentes distanciamentos entre fios e vários tipos de arames, protegendo animais de

todos os tamanhos. O novo mourão de aço da Gerdau dura, pelo menos, duas vezes mais que o tradicional, ou seja, cerca de 10 anos. O preço é o mesmo do mourão de madeira (em torno de R\$ 5), mas, considerando a agilidade de seu sistema de montagem, o custo acaba sendo a metade do tradicional.

Para fabricar o Mourão, a Gerdau desenvolveu protótipos que foram testados em fazendas nas regiões brasileiras de maior significado no segmento da pecuária, analisando também a opinião dos produtores.

O produto está sendo distribuído em todo o país.

Arame para cerca elétrica

Diferente dos produtos que existem no mercado, o Arame para Cerca Elétrica é fabricado com tecnologia específica para este fim. Possui tripla camada de galvanização e é mais resistente que os arames comuns. Além da alta durabilidade, é o único vendido em carretéis de 400 metros de comprimento, podendo ser facilmente rebobinado e aproveitado em cercas temporárias. É maleável e facilita a montagem.

O Arame para Cerca Elétrica possui bitola de 2,10 mm e resistência elétrica de 35 Ohms/km. Utilizando alto teor de carbono, apresenta tensão de esticamento de 500 kgf, que evita o "embarrigamento" do fio. Amplamente utilizadas em todo o mundo, as cercas elétricas afastam o gado com uma corrente intermitente de baixa voltagem, que não machuca o animal mas evita um segundo contato.



Emendador Automático de Cercas Wirelok

Emendar os arames rompidos de uma cerca, de forma eficiente e duradoura, é um problema comum para o pecuarista. A emenda automática Wirelok, lançada pela Gerdau na Expoiner 96, é a única que obtém a junção perfeita, sem dobrar ou quebrar o arame, mantendo a sua resistência original, em razão do seu exclusivo sistema de travamento por cones. Para operar o produto, basta esticar as duas pontas do arame e introduzi-las uma de cada lado do Wirelok. O fio é fixado em segundos, sem possibilidade de um novo rompimento.

Nos casos em que uma ponta não alcança a outra, pode-se usar dois Wirelok e uma extensão de arame para ter a junção. Para unir arame farpado, basta tirar as farpas das pontas e colocá-las nas extremidades do Wirelok ou, se for o caso, fazer uma junção com arame liso.

Wirelok é produzido na Nova Zelândia e distribuído pela Gerdau Produtos Agropecuários com exclusividade para a América do Sul.

Índices ABAG/FGV - AGOSTO/96

Em agosto, o índice registrou retração de 0,89%, acompanhando o movimento de vários outros índices de preços calculados no Brasil. Mais uma vez fica claro que, apesar da redução na safra colhida em 1996 e das altas de preços registradas nos mercados mundiais de commodities, o agribusiness continua sendo uma das âncoras mais firmes do real. Dos grandes itens que compõem o IABAG, apenas a alimentação fora de casa registrou comportamento divergente, subindo 1,14%. Os demais itens de alimentação registraram, no seu agregado, variação negativa. No atacado, a alimentação caiu 2,67% e, no nível do consumidor, os gêneros alimentícios tiveram seus preços reduzidos em 0,96%. Em termos dos itens individuais que compõem o IABAG, observa-se que os movimentos mais fortes, tanto no sentido da baixa quanto da alta, são os hortifrutigranjeiros. No atacado,

destacam-se o limão (94%), coco da bahia (19%), pimentão (14%), melancia (-16%), pepino (-19%) e mamão (-14%). No nível do consumidor, as maiores altas foram a do limão (43%), maracujá (21%) e abóbora (12%); as maiores quedas foram as da cebola (14%) e do melão (20%).

ÍNDICE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGRIBUSINESS IABAG - AGOSTO / 96

Discriminação TOTAL	IABAG INFLUÊNCIAS %			
	POND 100,000	VAR% -0,891	NO IABAG 100,00	NO IGP -76,46
ITENS DO IPA-DI	67.613	-0,890	66,77	-51,05
ALIMENTAÇÃO	26.694	-1,674	50,13	-38,33
MATÉRIA PRIMA BRUTA	40.919	-0,362	16,63	-12,72
ITENS DO IPC-BR	32.397	-0,914	33,23	-25,41
ALIMENTAÇÃO	29.497	-0,964	31,90	-24,39
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS	25.372	-1,307	37,20	-28,45
ALIMENTAÇÃO FORA	4.125	1,145	-5,30	40,50
BEBIDAS ALC. E FUMO	2.890	-0,409	1,33	-10,01

DISCRIMINAÇÃO TOTAL DO MÊS ITENS DO IPA-DI	PONDERAÇÃO ÍNDICE		IABAG POND 100,000	VAR. % -0,891
	32,337	21,864		
ALIMENTAÇÃO	15,840	8,632	26,694	-1,674
MATERIAS PRIMAS BRUTAS	24,281	13,232	40,919	-0,362
Algodão arbóreo	0,079	0,043	0,133	0,000
Algodão herbáceo	0,814	0,444	1,372	6,335
Amendoim	0,056	0,031	0,095	2,446
Arroz em casca	1,621	0,883	2,731	1,969
Aves	1,468	0,800	2,475	-2,295
Babaçu	0,059	0,032	0,100	24,865
Borracha hevea	0,105	0,057	0,177	0,000
Bovinos	5,878	3,203	9,906	3,942
Cacau	0,495	0,270	0,834	-4,374
Café em coco	1,407	0,767	2,371	-11,973
Cana-de-açúcar	3,483	1,898	5,870	0,634
Cevada	0,070	0,038	0,118	-2,059
Erva-mate (bruta)	0,023	0,012	0,039	21,915
Fumo em folha	0,432	0,235	0,727	-0,303
Juta	0,020	0,011	0,033	3,333
Leite in natura	2,732	1,489	4,604	-0,343
Malva	0,035	0,019	0,058	3,362
Soja	1,882	1,026	3,172	4,409
Suínos	1,124	0,612	1,894	2,890
Trigo	2,499	1,362	4,212	-13,114

OPORTUNIDADE DE NEGÓCIOS

HY HUNTER - O Rei da Minhoca
Agora também no Brasil

**SEJA UM CRIADOR DA MINHOCAS
SUPERWORM**



Investimento mínimo e
mercado garantido
Fácil, ecológico e lucrativo
Fone/fax: (061) 366.2257

ITENS DO IPC-BR	30,588	10,473	32,387	-0,914
ALIMENTAÇÃO	27,859	9,539	29,497	-0,964
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS	23,962	8,205	25,372	-1,307
Adoçantes	0,501	0,171	0,530	-7,038
Arroz e feijão	0,992	0,340	1,050	-0,688
Aves e ovos	1,163	0,398	1,231	-0,295
Bebidas não alcoól.	1,318	0,451	1,396	-3,093
Carne bovina	1,886	0,646	1,997	3,375
Carne suína	0,105	0,036	0,111	-0,594
Carnes e peixes ind.	1,139	0,390	1,206	-1,065
Condimentos	0,773	0,265	0,818	0,486
Doços e chocolates	0,549	0,188	0,581	-1,063
Frutas	2,576	0,882	2,727	-1,454
Hortaliças	3,494	1,196	3,699	-4,539
Laticínios	3,389	1,160	3,588	-0,609
Molhos e farinhas	0,834	0,286	0,883	-0,099
Óleos e gorduras	0,732	0,250	0,775	-0,842
Outros gêneros alim.	0,202	0,069	0,213	1,493
Pacificadores	3,083	1,056	3,264	-0,289
Peixeado	0,789	0,270	0,835	-5,492
Enlatados e conservas	0,441	0,151	0,467	-0,634
Alimentação fora	3,895	1,334	4,125	1,145
Bebidas alcoólicas e fumo	2,729	0,934	2,890	-0,409

DISCRIMINAÇÃO	IABAG	INF. %	IGP	INF. %
TOTAL DO MÊS	-0,89	100,00	-0,29	-76,46
ÍTEM DO IPA-DI	-0,59	66,77	-0,19	-51,05
ALIMENTAÇÃO	-0,45	50,13	-0,14	-38,33
MATÉRIAS PRIMAS BRUTAS	-0,15	16,63	-0,05	-12,72
Algodão arboreo	0,00	0,00	0,00	0,00
Algodão herbáceo	0,09	-9,76	0,03	7,46
Amendoim	0,00	0,26	0,00	0,20
Arroz em casca	0,05	-6,04	0,02	4,61
Aves	-0,06	6,38	-0,02	-4,88
Babaçu	0,02	-2,79	0,01	2,13
Borracha fêvea	0,00	0,00	0,00	0,00
Bovinos	0,39	-43,82	0,13	33,50
Cacau	-0,04	4,09	-0,01	-3,13
Café em coco	-0,28	31,85	-0,09	-24,36
Cana-de-açúcar	0,04	-4,18	0,01	3,19
Cevada	0,00	0,27	0,00	-0,21
Erva-mate (bruta)	0,01	-0,95	0,00	0,73
Fumo em folha	0,00	0,25	0,00	-0,19
Juta	0,00	-0,12	0,00	0,10
Leite in natura	-0,02	1,77	-0,01	-1,36
Malva	0,00	-0,22	0,00	0,17
Soja	0,14	-15,69	0,05	12,00
Suínos	0,05	-6,14	0,02	4,70
Trigo	-0,55	61,98	-0,18	-47,39

ÍTEM DO IPC-BR	-0,30	33,23	-0,10	-25,40
ALIMENTAÇÃO	-0,26	31,90	-0,09	-24,39
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS	-0,33	37,20	-0,11	-28,44
Adoçantes	-0,04	4,19	-0,01	-3,20
Arroz e feijão	0,01	0,81	0,00	-0,62
Aves e ovos	0,00	0,41	0,00	-0,31
Bebidas não-alcoólicas	-0,04	4,84	-0,01	-3,70
Carne bovina	0,07	-7,56	0,02	5,78
Carne suína	0,00	0,07	0,00	-0,05
Carnes e peixes industrializ.	-0,01	1,44	0,00	-1,10
Condimentos	0,00	-0,45	0,00	0,34
Doces e chocolates	-0,01	0,69	0,00	-0,53
Frutas	-0,04	4,45	-0,01	-3,40
Hortaliças	-0,17	18,84	-0,05	-14,40
Laticínios	-0,02	2,45	-0,01	-1,87
Massas e farinhas	0,00	0,10	0,00	-0,07
Óleos e gorduras	-0,01	0,73	0,00	-0,56
Outros gêneros alimentícios	0,00	-0,36	0,00	0,27
Panificados	-0,01	1,06	0,00	-0,81
Pescado	-0,05	5,15	-0,01	-3,93
Enlatados e conservas	0,00	0,33	0,00	-0,25
Alimentação fora	0,05	-5,30	0,02	4,05
Bebidas alcoólicas e fumo	-0,01	1,33	0,00	-1,01

FGV/IABAG - ÚLTIMOS RESULTADOS

Mês	IABAG/FGV Total	Ítem do IPA-DI	Alimen- tação	Matéria Prima Bruta	Ítem do IPC BR	Alimen- tação	Gêneros Alimentic.	Beb. Alcool. Fumo
Mar/96	0,15	0,17	1,02	-0,40	1,66	-0,03	-0,11	1,69
Abr/96	0,62	0,47	0,42	0,51	1,49	0,97	1,12	0,52
Mai/96	2,75	3,33	0,48	5,26	7,55	1,12	1,19	6,43
Jun/96	1,33	1,92	4,92	-0,04	0,14	0,09	0,17	0,55
Jul/96	2,55	3,41	6,84	1,16	0,76	0,63	0,96	0,13
Ago/96	-0,89	-0,89	-1,67	-0,36	-0,91	-0,96	-1,31	-0,41
Acum. Ano Passado	0,56	-3,87	-7,26	-0,03	10,21	8,40	6,39	33,66
Acum. ano Ago/95	10,65	13,55	20,81	8,75	5,52	5,10	5,29	9,94
	2,56	3,95	4,09	2,78	-0,36	-0,47	-0,76	1,06



PROGAB

FABRICANTE DE:

TELAS METÁLICAS:

- Para Mangueirão
- Alambrados

GABIÕES PARA OBRAS DE:

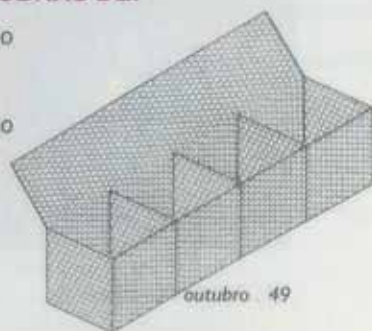
- Controle de Erosão
- Contenção
- Açudes
- Canais de Irrigação



PROGAB

Rua Prefeito José Carlos, 1975 - Ilupeva - SP
CEP 13.295-000 - Caixa Postal 95
Tel.: (011) 7801-2010 / Fax: (011) 7801-2118

Damos Assistência Técnica





**Atlas do Meio Ambiente
do Brasil**

Fique por dentro das questões ambientais brasileiras como explosão demográfica, poluição, biodiversidade e ecossistemas sob um enfoque social, político e econômico.



**Gado de Leite
500 Perguntas - 500 Respostas**

Tire suas dúvidas sobre as principais questões que afetam a criação de rebanhos bovinos para a produção de leite.



**Revista Pesquisa
Agropecuária Brasileira**

Segunda revista mais consultada por pesquisadores segundo Instituto para Informação Científica - ISI contendo artigos com os resultados dos melhores trabalhos em pesquisa básica para o setor agropecuário.

Esses lançamentos da Embrapa poderão ser pedidos na Associação Brasileira de Criadores - ABC pelos telefones: (011) 832-5967 / 832-9369 / 831-7982 / 261-8438 - Telefax: (011) 831-2731



FARDO DE 10 A 13 KG

FAZENDA MANACAS

Tel / fax: (011) 7844-1906 ou 989 -1741
Bragança Paulista / SP

Classificados

**Aluga-se
ou Vende-se**

1 sala no Edifício ABC
Av. José Cesar de Oliveira, 181
sala 810 c/ garagem
nº 58 - 1º piso
Telefones para contato:
(014) 323-4094 - Ourinhos
(011) 831-7982





SEMPRE À FRENTE DO SEU TEMPO

Este é o espírito da Lagoa da Serra: andar sempre à frente do seu tempo.

Tecnologia, informação, recursos humanos.

A Lagoa da Serra, nos seus 25 anos de atividades, sempre esteve à frente em tecnologia de reprodução e melhoramento animal.

Durante este longo caminho, trabalhamos com a ciência como nossa principal aliada, visando cada vez mais a modernização da nossa

pecuária e a busca por melhores níveis de produtividade.

Temos muito orgulho de poder ver e até mesmo mensurar a melhoria das diversas raças que hoje brigam de igual para igual com suas concorrentes do primeiro mundo.

É nosso objetivo maior

colaborar para que nossos parceiros/clientes sejam bem-sucedidos na atividade pecuária, melhorando sempre seus rebanhos e seus resultados. Dessa forma, procuramos fornecer informações técnicas confiáveis e vender somente material melhorador.

Assim, ao comemorarmos nossos 25 anos, já podemos prometer esforços dobrados para chegar aos 50 anos, com muitos outros motivos para comemorar.



QUALIDADE PROVADE E COMPROVADA

MATRIZ - SERTÃOZINHO-SP: Caixa Postal 60 • CEP 14160-000 • Tel.: (016) 645.2299 • Fax: (016) 642.6677

Leocillin®

AS BACTÉRIAS NÃO VÃO RESISTIR.



Agora sim, você pode contar com um completo programa de tratamento e prevenção da mastite. A Boehringer Ingelheim está lançando Leocillin, um antibiótico tão potente que possui comprovadamente de 85 a 90% de eficácia contra *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus agalactiae*, dois dos principais agentes causadores da mastite.

Mas a sua ação não pára por aí. Leocillin age também contra *Coliformes*, *Pseudomonas* e *Corynebacterium*.

Leocillin Mastite Aguda, Leocillin Vaca Seca e Leocillin Injetável são os componentes do Programa Integral Leocillin, que você pode escolher de acordo com as suas necessidades. Use Leocillin. Afinal, por que resistir a tanta eficácia?



**Boehringer
Ingelheim**



DIVISÃO VETMÉDICA
Tel. (011) 3741-5433 - Fax (011) 3741-4404
Caixa Postal 8812-CEP 01065-970
Ligação Gratuita 0800-115982